DESCOBRINDO A VONTADE DE DEUS

Sinclair B. Ferguson

"INSTRUIR-TE-EI E ENSINAR-TE-EI
O CAMINHO QUE DEVES SEGUIR.."
SALMO 32:8

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287
01059-970 – São Paulo – SP

Título original:
Discovering God's Will

Editora:
The Banner of Truth Trust – Edimburgo

Copyright:
Sinclair B. Ferguson

Autor:
Sinclair B. Ferguson

Tradutor:
Odayr Olivetti

Revisor:
Antonio Poccinelli

Primeira Edição em Português:
1988 (Autorização concedida pela Banner of Truth Trust)

Segunda Edição em Português:
1997 (Autorização concedida pela Banner of Truth Trust)

Capa:
Sergio Menga

Composição e Impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

Introdução 5
1. O supremo propósito de Deus 11
2. Indicações para orientação 23
3. Guardando o coração 38
4. Estilo de vida cristã 51
5. Princípios de conduta 65
6. Considere a sua vocação 77
7. Casamento? 94
8. Espere pelo Senhor 107
9. O Senhor me guia 123

INTRODUÇÃO

Você está precisando de orientação? Na maioria, os cristãos crêem que Deus é o Guia das suas vidas. De fato, é difícil imaginar um cristão que não creia nisso. Desde os primeiros anos talvez, você tem podido dizer: "O Senhor é o meu pastor. . . Ele guia-me. . ." (Salmo 23:1-2). Certamente, durante a sua vida cristã, se você é cristão, tem havido muitas situações nas quais você se voltou para o Senhor e disse: "Não sei o que fazer aqui, ajuda-me!" Você tem experimentado a mão orientadora do Senhor nas grandes e nas pequenas questões da vida. Sim, você precisa de orientação. Sim, Deus prometeu ser o seu Guia. Sim, indubitavelmente Deus já o tem guiado.

Até aqui, ótimo! Entretanto sabemos que nem sempre as coisas são tão simples e retas. Às vezes ficamos profundamente perplexos. Não sabemos o que fazer, ou qual de dois cursos alternativos de ação seguir. De fato, precisamos muitíssimo da direção de Deus. *Mas, como Deus nos guia?* Como chegamos a reconhecer qual é a Sua vontade?

Não avançamos muito na vereda cristã, e já estas ou semelhantes indagações começam a embaraçar muitos de nós. Em vez de pensar na maravilha da orientação, começamos a sentir-nos perplexos e vacilantes. Olhamos para trás, para o período de "lua-de-mel" da nossa experiência cristã, e percebemos que, de maneira benigna e paternal, Deus esteve aplainando muito da estrada para nós. Esteve nos ajudando a dar os primeiros passos infantis da nossa vida cristã numa atmosfera protegida. "Entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seu regaço" (Isaías 40:11). Éramos então novos demais para compreender todos os perigos e problemas que poderiam surgir. Agora somos mais velhos na fé, talvez um pouco mais sábios e mais humildes, mas provavelmente também um pouco mais complicados e mesmo confusos. Ainda cremos que Deus nos guia. Todavia a intrigante questão permanece: *como Deus nos dirige?*

O cristão que vive na última década do século vinte defronta-se provavelmente com mais respostas às suas perguntas do que qualquer geração anterior dos seus irmãos na fé. Nunca houve tantas opiniões diferentes sobre o modo pelo qual Deus nos guia como há hoje em dia. Escritores, pregadores, líderes cristãos, amigos, todos oferecem conselho – sim, até mesmo orientação – acerca de orientação!

O mundo em que vivemos impõe ao nosso pensamento as suas pressões. Silenciosamente estabelece padrões que adotamos inconscientemente. De maneira persistente corrói os princípios da verdadeira direção espiritual exemplificados nas páginas das Escrituras, e nos cega com os seus deslumbrantes atavios de sabedoria. Mas foi com a sabedoria deste mundo que os homens crucificaram a Cristo. Essa mesma

sabedoria, aplicada às nossas vidas, crucificará de novo o Senhor da glória (Hebreus 6:6).

O espírito da época em que vivemos também nos oferece a sua direção. Tem fome de resultados imediatos, a curto prazo. É impaciente. Não consegue ver a vida a longo prazo porque vê a vida sem a perspectiva das realidades eternas. Sua direção obterá para nós o mundo em que vivemos. Contudo, desde que no processo de ganhá-lo perderemos as nossas almas, onde está a vantagem?

Depois, mesmo *a Igreja* pode falhar conosco. Pode oferecer-nos mais alternativas que o mundo, com respeito a direção! Ela pode colocar diante de nós direção por intuição, direção por sonhos, direção por visões, direção por profecias, direção por línguas, direção por grupos de companheiros, direção por líderes, e assim por diante, numa cadeia de possibilidades sem fim, ao que parece. Podemos levar a sério uma certa ênfase, e talvez levar a naufrágio as nossas almas. Ou podemos pular de uma ênfase para outra, até que a confusão nos faça parar. Em nenhum outro lugar são tão pertinentes as palavras do hino: "E guia-nos quando perplexos". Infelizmente, *tantos cristãos ficam perplexos quanto a serem guiados!*

Contra esse pano de fundo, seria atrevido o homem que julgasse poder dizer a última palavra sobre o tema de orientação aos seus irmãos na fé. Este livro está longe de ser a última palavra. Contudo, ele acentua certas coisas que podem ser de especial ajuda nesta hora particular da vida da Igreja.

Em primeiro lugar, precisamos reconhecer que não encontraremos a direção de Deus para as nossas vidas lendo um livro sobre essa direção! Tudo que um livro sobre esse assunto pode fazer por nós é salientar os modos pelos quais

Deus prometeu revelar os Seus propósitos a Seu povo, e os princípios que Ele caracteristicamente emprega para guiá-lo. Como ficará patente nas páginas que se seguem, *não há como evitar, nem como substituir a experiência por vezes árdua e longa de descobrir a vontade de Deus em nossas vidas.* Há toda a diferença do mundo entre saber como isso se realizará e realizar-se de fato na experiência pessoal.

Em segundo lugar, procurei focalizar a atenção em questões do ensino bíblico sobre a direção divina que constantemente surgem nas vidas dos cristãos. Parece que é uma verdade estatística que, na maior parte, os cristãos professaram fé em Cristo quando eram jovens. Por conseguinte, o descobrimento da vida cristã e dos caminhos de Deus vai paralelamente a muitos dos descobrimentos fundamentais que fazemos acerca de nós mesmos na vida em geral.

Há três áreas particulares nas quais formamos modelos de vida e que em grande parte determinam todo o curso da vida. Formamos modelos de comportamento – um estilo de vida. Decidimos que ocupação e carreira seguiremos. Decidimos casar ou não casar. A cada uma destas áreas de vital interesse dediquei um capítulo. Você não achará nestas páginas respostas definidas a perguntas como estas: os cristãos devem tomar bebidas alcoólicas? Devo casar-me com Maria ou com Amélia? Devo tornar-me um contabilista ou um professor? Mas você achará princípios que, quando conscientemente aplicados às suas circunstâncias pessoais, mantê-lo-ão no caminho ao longo do qual a vontade de Deus possa ser descoberta. Até aí procurei tratar de questões práticas.

Em terceiro lugar, procurei comunicar o fato de que aprendemos sobre como sermos guiados, primariamente

aprendendo sobre *o Guia*. É o conhecimento de Deus e dos Seus caminhos que finalmente nos dá estabilidade na prática da Sua vontade.

Pense em como isso é verdade quanto a muitos santos nas Escrituras do Velho Testamento. Jó é um exemplo. Ele estava em grande dificuldade. Seu coração partia-se de tristeza e dor. Ele necessitava desesperadamente de orientação para saber o que Deus estava fazendo em sua vida. Recebeu conselho dos melhores teólogos dos seus dias; homens que (com todos os seus erros) tiveram suficiente compaixão para sentar-se em silêncio com ele durante muitos dias (Jó 2:13). Mas, em sua hora de provação, ele precisava de algo mais que conhecimento *acerca de* Deus. Precisava *conhecer a Deus mesmo.* Foi o que, finalmente, Deus lhe deu. Antes, os seus ouvidos tinham ouvido a respeito de Deus, porém agora ele tinha visto a Deus e viera a conhecê-lO (Jó 42:5).

Não há como fugir deste grande princípio. Essa é a razão pela qual Lutero dizia que o verdadeiro cristianismo consiste de pronomes pessoais. Pois a direção, o conhecimento da vontade do Senhor, *não* é a capacidade de dizer que Deus é um Pastor, um Sustentador, um Guia, um Líder e um Restaurador. É a capacidade de dizer:

O Senhor é o *meu* pastor: nada me faltará.
Deitar-*me* faz em verdes pastos,
guia-*me* mansamente a águas tranqüilas.
Refrigera a *minha* alma;
guia-*me* pelas veredas da justiça,
por amor do *Seu* nome.

Minha oração é que, mediante estas páginas, você receba algum auxílio e esclarecimento acerca de como Deus o guiará e, talvez, propicie iluminação justamente naquelas áreas de sua vida que o deixam perplexo no momento. Mas, acima de tudo, oro no sentido de que você redescubra os bons caminhos de Deus, e o próprio Deus como o seu Guia.

Sinclair B. Ferguson
Glasgow, 1981

1

O SUPREMO PROPÓSITO DE DEUS

Deus é o pastor do Seu povo. Ele guia os Seus (Salmo 23:1-2). Ele enviou Seu Filho para guiá-los (João 10:3). Como cristãos, é-nos assegurado de mil modos que Ele nos guiará, e nos guardará. Essa é a tarefa do pastor. É uma tarefa da qual o próprio Deus Se incumbiu devido ao Seu grande amor por Seu povo.

A certeza da orientação divina é uma das características do cristão. Marca-o, distinguindo-o dos seus semelhantes. Por que há de ser assim? Porque a própria idéia de que Deus nos guia implica que estamos vivendo de acordo com o *caminho* que Ele estabeleceu, que as nossas vidas têm um *propósito* no presente, como também um destino no futuro. Como resultado, muitos recêm-convertidos se comovem com o fato de que, enquanto anteriormente vagavam sem alvo na vida, agora sua vida tem direção e sentido.

Nos tempos bíblicos, este era um pensamento revolucionário para as pessoas que ouviram o evangelho e o chamado de Deus. Quando Deus falou com Abraão, fez Sua aliança com ele, e o certificou dos Seus grandes e gloriosos propósitos para o futuro, a experiência não só transformou a

sua vida; introduziu em seu mundo um novo modo de ver a vida.

Quando o evangelho se espalhou por todo o mundo do Novo Testamento, dominado como esse mundo estava pelos modos de pensar dos gregos, uma coisa igualmente notável começou a acontecer. A idéia, de longa data aceita, de que a história em geral e a vida em particular, era cíclica – isto é, que a vida realmente girava em círculos – foi abolida. Cristo começou a endireitar a visão que os homens tinham da história.

Quando Paulo falou aos filósofos de Atenas sobre o fim do mundo e sobre o juízo de Deus, ele estava dizendo que a vida tinha um início, uma direção e um clímax no juízo. A história da humanidade (e também a nossa história pessoal) não é cíclica. Tem direção.

Poderíamos ser perdoados se pensássemos que isso não passa de uma questão abstrusa e um tanto acadêmica. Mas, olhe ao seu redor. A perspectiva que os seus contemporâneos têm da vida é muito semelhante à dos gregos antigos. A vida para eles é pouco mais que um círculo de atividades em que procuram qualquer satisfação que possam achar. O homem comum não quebra a cabeça para saber se a vida realmente tem algum sentido. Aceitou a idéia de que a vída não tem nenhum propósito final e, assim, devota-se a qualquer coisa que o interessa no momento. Em contraste, o cristão parece quase uma criatura doutro mundo, doutra escala de tempo, completamente diversa. Como veremos, é precisamente nisso que ele se transformou! Ele anda pelo *caminho* que Deus traçou; desfruta o *propósito* que Deus ordenou para a sua vida; e tem os olhos postos no futuro, no *destino* que Deus preparou.

Examinemos estes três aspectos da vida cristã. Fá-lo-emos na ordem inversa e, no processo, descobriremos que cada um deles tem um vínculo direto com a orientação de Deus.

O destino que Deus planejou

Por que Deus me fez? Para que serve a minha vida? Jesus respondeu estas perguntas numa das mais pungentes horas da Sua vida. Quando Ele estava orando pelos Seus discípulos, e por todos os que haveriam de crer nEle por meio das Suas testemunhas, disse: "Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste; porque tu me hás amado antes da criação do mundo" (João 17:24).*

Expressando-o com simplicidade, nosso Senhor reconheceu publicamente que Deus tem um plano para o Seu povo ("aqueles que me deste"). Jesus pediu que o propósito de Sua morte por nós se cumpra em nós – para que vejamos a glória de Deus e vivamos em Sua presença. Deus, Sua glória e Sua presença compõem o destino do cristão.

É por isso que a Bíblia retrata a vida de fé como uma vida de peregrinação. Através de todos os tempos bíblicos, a perspectiva do crente era um olhar para a frente. Ele estava indo para certo lugar, esperando algo no futuro. Conseqüentemente, o epítome da incredulidade é ilustrado pela mulher de Ló. Exortada, com os seus, a fugir das cidades que Deus ia destruir, ela *olhou para trás* (Gênesis 19:26). Em

* Exceto quando expressamente indicado, as citações são da versão de Almeida, Edição Revista e Corrigida.

contraste, os heróis da fé registrados em Hebreus, capítulo 11 são, sem exceção, caracterizados por antecipação, esperança e expectação quanto ao futuro (ver particularmente Hebreus 11:13). Visto que temos um destino, somos peregrinos. Estamos realizando o que João Bunyan descreveu tão brilhantemente como: *O Progresso do Peregrino, deste mundo para o que há de vir.*

O Novo Testamento diz-nos explicitamente que somos peregrinos. A idéia parece ter sido uma das favoritas do apóstolo Pedro. Ele se refere aos destinatários da sua primeira carta como "estrangeiros dispersos" (1 Pedro 1:1) e como "peregrinos e forasteiros" (1 Pedro 2:11). A tese que ele está defendendo é que a nossa residência aqui é temporária. Realmente não pertencemos a este mundo. *A inferência que ele tira é que o nosso estilo de vida não deve ser determinado por este mundo.* Paulo defende a mesma posição quando se queixa aos coríntios de que estão vivendo como homens comuns. Mas o cristão não é um homem comum! (1 Coríntios 3:3). Ele é estrangeiro. Recebe as influências determinantes da sua vida, de outro mundo, completamente diferente. Em absoluto, não é surpreendente que este mundo o ache estranho e difícil de entender (1 Pedro 4:4).

O filho de Deus é cidadão doutro mundo. Ele tem outro Rei, Jesus (Atos 17:7). A sua cidade, diz Paulo, não é aqui na terra, mas no céu (Filipenses 3:20). É embaixador do Senhor Jesus (2 Coríntios 5:20). A intenção é que sua vida seja um mini-palácio do seu Rei. Chegará o dia em que será chamado para ir para casa, para a sua comunidade. Todavia, neste ínterim, ele está estruturando a sua vida de acordo com a vida celestial, e não de acordo com princípios terrenais. Ele pôs o coração nas coisas do alto, onde Cristo está sentado à destra de

Deus (Colossenses 3:1). Não admira que ele seja diferente!

Acaso você nota, de passagem, que este princípio elementar da vida de fé resolve imediatamente alguns dos problemas de muitos cristãos? Quantas vezes perguntamos (ou ouvimos outros perguntarem): o cristão pode fazer isto, ou aquilo? Às vezes, em resposta, montamos por nossa conta uma longa lista de regras e regulamentos, de "sim" e "não". Depois os cercamos e fazemos deles os fatores determinantes dos nossos julgamentos da qualidade da vida que outros cristãos levam. O tempo todo como os fariseus (responsáveis originariamente pelo movimento em prol da santidade na Igreja do Velho Testamento), estamos errando o alvo, coando mosquitos e engolindo camelos (cf. Mateus 23:24).

O princípio de que o cristão é um peregrino com um destino em mira resolverá de um golpe muitos desses problemas. Quando ele põe na cabeça que vai estruturar uma vida segundo o padrão do céu, muitas dessas questões se tornam irrelevantes, porque sua vida está sendo vivida num plano completamente diferente. Ele não terá necessidade de julgar se alguma ação é moralmente errada. Pode não o ser necessariamente. Mas na vida que tem por objetivo retirar-se da poluição da atmosfera do mundo, ele descobrirá que muitas dessas questões indiferentes se tornam precisamente isso para ele: questões indiferentes.

O propósito que Deus ordenou

Às vezes penso que a única pergunta do famoso *Breve Catecismo* que a maioria de nós sabe responder é a primeira. Contudo, se há uma pergunta que nos ajuda a viver a vida cristã,

é de fato esta:

> *Qual é o fim principal do homem?*
> O fim principal do homem é glorificar a Deus, e gozá-lO para sempre.

Estas palavras são profundamente bíblicas; muito mais bíblicas e cristãs do que muitos de nós reconhecem. Pois nós, modernos, tendemos a pensar na Bíblia em duas metades: no Velho Testamento, que nos fala da glória de Deus, e no Novo Testamento, que revela a maravilha do Seu amor. Ora, o próprio Novo Testamento nos ensina que o fim principal do amor de Deus e da obra realizada por Cristo *é promover a glória de Deus.* Tudo que Cristo fez durante o Seu ministério tinha esta motivação (João 12:28; 14:13; 17:1, 4). A essência da vida cristã é que Deus seja glorificado em nós. O objetivo da evangelização é "que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus" (2 Coríntios 4:15).

O apóstolo Paulo expõe essa verdade de maneira consideravelmente extensa em seus escritos. Todo o conceito da nossa salvação, como ele o desenvolve em Romanos, é colocado contra o pano de fundo de que "todos pecaram e *destituídos estão da glória de Deus*". A salvação não é somente o processo pelo qual Deus nos restabelece à esperança da Sua glória (Romanos 5:2); é também (e fundamentalmente) o meio pelo qual Deus restabelece a Sua glória, e a engrandece mediante Sua maravilhosa graça. Em Efésios Paulo nos dá uma descrição mais minuciosa dos vários movimentos da sinfonia da salvação. Em cada um deles o motivo que se repete é: *para o louvor da glória de Deus* (Efésios 1:6, 12-13). A eleição, a redenção, a

adoção tudo contribui para este grandioso tema.

A glória de Deus é um fator determinante da vida cristã, ou deveria ser. Estamos sendo transferidos de um grau de glória para outros (2 Coríntios 3:18). Conseqüentemente, exemplos como o de Abraão são postos diante de nós. Abraão "foi fortificado na fé, dando glória a Deus" por crer na Sua promessa (Romanos 4:20). O propósito da nossa obediência e frutificação é sempre dar glória ao nosso Pai (Mateus 5:16; João 15:8). Quando temos diferenças de opinião sobre um procedimento, o fator decisivo deve ser: "o que tende mais a glorificar a Deus?" (1 Coríntios 10:31).

De fato, não existe pergunta mais básica que possamos fazer do que esta: *será que este procedimento tende a promover a glória de Deus*? A maneira de sabermos o que tenderá a glorificar a Deus está registrada na segunda pergunta do Breve Catecismo, e a consideraremos de modo mais completo posteriormente. Mas, por enquanto, precisamos ponderar mais intensamente esta questão geral. Será esta a estrela pela qual estabeleceremos o curso das nossas vidas? Será a glória de Deus o princípio condutor das nossas ações? Deus não separará a orientação que nos dá em Sua Palavra, nem o modo pelo qual governa as nossas circunstâncias, do propósito que fixou, de obter glória para o Seu Filho em nossas vidas. Se não procuramos a Sua glória, é impossível que estejamos percorrendo o caminho da Sua bênção. Se procuramos a Sua glória, então podemos estar certos de que veremos Sua luz derramada em nossas veredas.

Há uma chave para o nosso pensamento acerca da glória de Deus. O que significa refletirem as nossas vidas a Sua glória? Significa *semelhança com Jesus*. O fato de que Deus nos separou

para o louvor da Sua graça (Efésios 1:3-6) recebe maior explicação de Paulo. Diz ele que a amorosa predestinação divina das nossas vidas visa a fazer-nos "conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (Romanos 8:29). Viver para a glória de Deus significa imitar a Jesus. Significa conhecer mais e mais as fontes internas que ativaram todo o Seu comportamento, e pôr em prática em nossas vidas esses princípios. Significa viver na dependência do Espírito Santo, que nos foi dado com a específica função de glorificar a Jesus em nossas vidas (João 16:14). Segundo Efésios 4:20-24, significa viver em retidão e santidade.

Você procura deliberadamente imitar a Jesus? Talvez você tenha sido criado com a noção errônea de que a imitação de Cristo é o caminho da salvação. Agora você sabe que não é este o caso. Somente pela fé em Cristo, como o Salvador crucificado e como o Senhor e Rei ressurreto, podemos achar salvação. Em seu descobrimento disso, você reagiu contra a idéia de que ser cristão é ter uma vida que imite os princípios da Sua vida. Mas isso também é um erro – pois recebemos a Cristo Jesus como Salvador para segui-lO como nosso Senhor e nosso Exemplo: "Porque eu vos dei o exemplo", disse Ele, "para que, como eu vos fiz, façais vós também" (João 13:15). Paulo afirma que não devemos agradar-nos a nós mesmos. Por que não? "Porque também Cristo não agradou a si mesmo" (Romanos 15:3). Portanto, "Seja a vossa atitude a mesma de Cristo Jesus" (Filipenses 2:5, *The New International Version*).

Este é o meio certo e seguro de promover a glória de Deus. É o meio certo e seguro pelo qual você pode andar de modo digno da sua vocação de peregrino:

Que a mente do meu Salvador
viva em mim dia após dia,
dirigindo por Seu amor
tudo que eu faça e que eu diga.
– Katie Barclay Wilkinson

Será que sua vida está sendo governada por um propósito celestial que derrama raios de glória sobre o seu atual modo de viver? A glória de Deus é o *seu* fim principal? Você mantém Jesus Cristo diante dos seus olhos como o Guia e o Exemplo pelo qual você vive? É quando seguimos a Jesus Cristo assim, que somos capacitados a glorificar a Seu Deus e Pai (Romanos 15:5-6).

O caminho que Deus preparou

Deus quer guiar as nossas vidas para que elas reflitam a glória do Seu Filho. A fim de realizar isso, Ele nos chama para sermos imitadores de Cristo. No entanto, os Seus propósitos culminantes requerem mais que a nossa resposta afirmativa. Precisam da Sua ação pessoal, no desenvolvimento do Seu plano. Ele nos faz semelhantes a Cristo. Quando estivermos diante dEle em Sua glória, seremos semelhantes a Cristo (1 João 3:2). Mas, para fazer-nos semelhantes a Cristo *naquela ocasião*, nosso Pai já começou a fazer-nos semelhantes a Cristo *agora*. O padrão que Ele usa para a vida do cristão é precisamente o padrão que Ele empregou para a vida do Seu obediente Filho Jesus.

Qual é este padrão? Quando observamos a vida de Jesus nos Evangelhos, e refletimos em seu significado através do

ensino dos apóstolos no restante do Novo Testamento, vemos emergir um padrão muito claro. Jesus foi chamado para pôr de lado Sua glória, assumindo a forma de servo (Filipenses 2:7). Qualquer que seja o modo pelo qual Ele teve consciência da vontade de Deus em Sua vida, certamente soube que a Sua missão era a de ser o Servo do Senhor profetizado por Isaías. Aqui e ali este padrão é exposto nos Evangelhos, até alcançar o seu clímax na paixão de Cristo. Ele humilhou-Se sob a poderosa mão de Deus, e no devido tempo foi exaltado (1 Pedro 5:6). Sofreu e *depois* entrou na glória (Lucas 24:26). Suportou a cruz e desprezou o opróbrio para poder experimentar a alegria posta diante dEle (Hebreus 12:2). A forma da Sua vida foi o molde da cruz.

Jamais poderemos repetir exageradamente uns aos outros que esse continua sendo o padrão da vontade e do poder de Deus em nossas vidas. Ele não quebrou o molde do Seu plano quando Cristo ascendeu. Ao contrário, a *raison d'être* (razão de ser) da obra de Cristo era que Ele pudesse conduzir muitos filhos à glória (Hebreus 2:10). Ele cresceu, chegando à maturidade completa, e viveu totalmente segundo a vontade de Deus, mediante o sofrimento. A obra de conduzir muitos filhos à glória envolve a repetição desse processo em suas vidas também.

Em termos práticos, esta familiaridade com o modo pelo qual Deus age, trará enorme estabilidade às nossas vidas. Far-nos-á possível confiar nos propósitos de Deus para nós, mesmo quando nos parecem sumamente penosos. Aprenderemos assim o paradoxo da vida cristã: é um caminho para a glória, por meio de tribulações (Atos 14:22). O modo como Deus nos guia é o de seguirmos a Cristo levando a cruz. Qualquer

"orientação" que contradiga este princípio estará sem o conhecido autógrafo de Cristo. Qualquer "voz" que nos chame para abandonarmos este caminho, trataremos de fazer calar. Pois teremos chegado a reconhecer a pronúncia do nosso Mestre e Senhor. Não existe voz como a daquele que foi crucificado.

Assim, quando nos aproximamos de Cristo e lhe perguntamos: "Serás meu Pastor e meu Guia ao longo da minha vida?", Ele nos pergunta de volta: "Tomarás a cruz diariamente, e me seguirás?" As duas coisas nunca podem ser separadas: a semelhança com Cristo *no porvir*, na glória, tem que ser precedida pela semelhança com Cristo *agora*, sob a cruz. Por meio dela o mundo foi crucificado para nós. Por meio dela nós também somos crucificados para o mundo (Gálatas 6:14).

Meu alvo é Deus, e não prazer ou paz,
nem sequer Sua bênção, mas Deus mesmo;
guia-me aqui – não eu, mas Ele o faz
a qualquer preço e por qualquer caminho.

Assim a fé sua meta busca em Deus,
e o amor sabe que Deus a leva lá;
minha alma segue, em luta, os passos Seus
até cumprir-se a minha maior prece.

Não importa a senda, às vezes tão escura,
nem o alto preço de chegar à meta:
Ele sabe a maneira mais segura;
o caminho de Deus é sempre estreito.

Dizer-Lhe não, jamais eu poderia;
firmo os meus passos rumo ao meu Senhor,
que é minha glória aqui, dia após dia,
e na glória por vir, meu grande Prêmio.

– F. Brook

Será essa realmente a nossa ambição? Você deseja realmente esse tipo de orientação divina? Você avaliou o custo? Você se negará a si mesmo, tomará a cruz e seguirá a Cristo em Sua perfeita vontade para a sua vida?

Senhor crucificado, imprime Tua cruz santa
em motivo, desejo amado e preferências;
em tudo quanto o ego de algum modo inspire,
a Tua anotação de perda lança.
E quando aqui e ali houver toque da morte,
finando o bem mais caro ao nosso coração,
que não nos espantemos, mas reconheçamos
Tua resposta, Senhor, a esta oração.

– Amy Carmichael

É essa a espécie de direção que você procura?

2

INDICAÇÕES PARA ORIENTAÇÃO

O propósito destes capítulos é dar instrução sobre a vontade de Deus. Eles oferecem um sumário da espécie de ensino que você receberia durante um período muito mais longo de tempo, e provavelmente de maneira menos sistemática, ouvindo uma exposição bíblica como geralmente se faz.

Há muita coisa para se dizer em prol de uma aprendizagem de princípios bíblicos *daquela* maneira, num extenso período de tempo. Há também muito boa razão para recebê-la através da pregação e não através da exposição mais sistemática de um livro sobre orientação. O método mais lento, oral e menos sistemático de aprendizagem nos protege da ilusão de que a vontade de Deus pode ser aprendida numa noitada de estudo.

Todavia, também pode ser útil reunir instrução bíblica como esta. Pois, num tratamento sistemático, podemos ao menos começar a captar os grandes princípios. Podemos ver respondidas algumas de nossas indagações, e esclarecidas algumas das questões que têm a ver conosco. Poderíamos relutar em pedir a um ministro ou a um amigo cristão que dedicasse a considerável extensão de tempo que provavelmente se tomaria para falar destes assuntos do começo ao fim. O objetivo deste

livro é o de ser um ajudante do ensino e instrução pastoral que acaso você tenha recebido, não seu substituto.

É-nos importante retornar à questão que levantamos no meio do capítulo primeiro. Vimos ali que o propósito culminante que está por trás de toda a orientação de Deus é a promoção da Sua glória. De acordo com o Breve Catecismo (seguindo as Escrituras), este é o nosso fim principal. Mas, nós sugerimos, uma nova questão surge neste contexto: como saber o que tende a glorificar a Deus? É esse precisamente o assunto da segunda pergunta do Catecismo:

> *Que regra deu Deus para nos dirigir na maneira de O glorificar e gozar?*
> A Palavra de Deus, que se acha nas Escrituras do Velho e do Novo Testamentos, é a única regra para nos dirigir na maneira de O glorificar e gozar.

Você já percebeu como esse princípio é radical, e como é amplamente abrangente? Pouca dúvida pode haver de que é aqui que muitas divergências que os cristãos têm sobre orientação começam a aparecer. De fato, é possível aos cristãos subscreverem conjuntamente a autoridade, a infalibilidade e a confiabilidade da Palavra de Deus – e contudo, ao mesmo tempo, diferirem fortemente aqui, aceitando opiniões radicalmente diversas sobre como Deus nos guia. Se há uma questão crítica que temos de encarar acerca da orientação divina, é esta. A Bíblia é o nosso guia? As Escrituras constituem, em termos finais, "a *única* regra para nos dirigir na maneira de" glorificar a Deus?

Que significa isto em termos práticos? Obviamente indica

que muitos modos de orientação que nos são apresentados hoje devem ser examinados com muito mais cuidado do que às vezes são. Sempre que se fizer a insinuação de que "o Senhor me levou a fazer isso", deve-se perguntar: estou fazendo isso em obediência à regra de orientação que me é dada nas Escrituras, e de modo coerente com ela?

Pode-se objetar que, dizer que as Escrituras são a nossa única regra, é fazer uma afirmação antibíblica. Afinal de contas, temos nas Escrituras diversas vozes provenientes de Deus, visões, profecias e outros meios pelos quais Deus comunicou a Sua vontade aos homens. É verdade. Ao que parece, houve tempo em que o povo de Deus resolvia questões difíceis com base em sorteio. Provavelmente eram usadas para isso as duas pedras preciosas do peitoral do sumo sacerdote (ver Êxodo 28:30; Números 27:21). Se ele tirava o Urim, a resposta podia ser "Sim"; se tirava o Tumim, a resposta podia ser "Não, Deus não quer que você proceda assim". Provérbios 16:33 igualmente nos diz: "A sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda a sua disposição". No Novo Testamento vemos que a substituição de Judas Iscariotes foi feita mediante sorte lançada pelos demais apóstolos (Atos 1:15-26). Mas as igrejas cristãs de hoje não recorrem ao sorteio para saberem a vontade de Deus. Por que não? Porque reconhecemos que estas coisas pertenciam à infância da Igreja de Deus, e não à nova era do evangelho e do pleno usufruto do Espírito de filiação (ver Gálatas 4:1-7). Reconhecemos que Deus falou de *várias maneiras.* Agora, ele falou *de maneira* final em Seu Filho Jesus (Hebreus 1:1-2). A implicação, que o livro de Hebreus expõe de modo consideravelmente longo, é que não vivemos mais na era em que Deus revela a Sua vontade aos Seus por

meio dessas diversas maneiras. Agora Ele nos revelou perfeitamente a Sua vontade em Jesus, e encontraremos a Sua orientação entesourada nas páginas da única testemunha objetiva de Cristo de que dispomos – as Escrituras Sagradas.

Em certo sentido o mesmo ponto fora defendido séculos antes, pelo menos em princípio. O Salmo 19 nos fala do modo pelo qual Deus pode ser conhecido mediante o autógrafo que Ele deixou na ordem criada. Isto, porém, se contrasta com a clara revelação que Deus nos deu em Sua Palavra. Os céus manifestam *a Sua glória*; mas, se quisermos saber *a Sua vontade*, teremos que dirigir-nos à Sua Palavra. Foi esta verdade que Isaac Watts captou com tanta beleza quando escreveu:

Tua glória, Senhor, os céus proclamam,
em cada estrela o Teu saber fulgura;
mas quando Tua Palavra contemplamos,
lemos Teu nome em linhas bem mais puras.

Há *progresso* na revelação. Quando se vai uma época, Deus introduz um novo modo de comunicar-Se com os homens. Agora que vivemos no que o Novo Testamento denomina "últimos dias", o Seu modo final de comunicar-Se com os homens foi deixado em depósito conosco. Na verdade, o Novo Testamento fala deste "depósito" (*paradoxis* = "tradição"). Temos que reter esse "depósito" (2 Tessalonicenses 2:15; 3:6). Agora não há outra regra senão a que está entesourada na Palavra de Deus que Cristo deu ao Seu povo por intermédio da autoridade do ministério apostólico.

Como é, então, que Deus nos faz conhecida a Sua vontade? Primeiramente, ensinando-nos acerca de Si mesmo e da nossa

relação com Ele. João Calvino o expressou perfeitamente quando escreveu no início do seu livro mais grandioso:

> *Quase toda a sabedoria que possuímos, quer dizer, a sabedoria saudável e verdadeira, consiste de duas partes: o conhecimento que temos de Deus e o de nós mesmos.*[1]

Quando chegarmos a conhecer o caráter de Deus, e os Seus procedimentos para com os homens, crescentemente descobriremos esta sabedoria – isto é, o conhecimento prático da Sua vontade e as maneiras pelas quais ela deve ser posta em ação.

Basicamente, as Escrituras dão-nos este conhecimento de três modos:

1. Deus nos dá *mandamentos e proibições diretos.* Automaticamente pensamos nos Dez Mandamentos. Ali temos princípios que governam a vida em todos os lugares e em todos os tempos. Devido serem a expressão dos propósitos originais de Deus para o homem, eles permanecem através de todas as épocas do reino de Deus. Há certas aplicações deles que só eram válidas durante o período da Lei *Mosaica.* Mas as leis, os princípios mesmos, permanecem válidos para sempre.

Há também outros mandamentos. Há mandamentos apostólicos em cada uma das cartas do Novo Testamento. Quando dizemos que cremos na Igreja Apostólica, uma das coisas que queremos dizer é que, num sentido, ainda estamos debaixo da autoridade apostólica. Os apóstolos existem ainda

---

[1] João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*

hoje – eles estão na Igreja triunfante – porém continuam exercendo o seu ministério ordenado por Cristo mediante as páginas das Escrituras e os mandamentos que nos deram. Há ainda os mandamentos de Jesus; as aplicações que Ele fez da Palavra de Deus, por exemplo, no Sermão do Monte. A Bíblia toda está repleta de clara e definida orientação para ajudar-nos a viver para a glória de Deus!

2. Há *princípios* elaborados nas Escrituras. Seria um engano, por exemplo, pensar que tornar-se cristão sempre significa que temos de vender tudo o que temos e dar o produto aos pobres – como o Senhor disse a um jovem. Não obstante, há um princípio entesourado no mandamento de Jesus. É o princípio de que Jesus tem de ser o Senhor de tudo, ou não o será de nada. O que Ele disse ao jovem rico era simplesmente uma aplicação especial que revelava que o jovem realmente não reagira positivamente a esse princípio em seu coração (cf. Mateus 19:16-30).

3. Também há *ilustrações*; relatos biográficos que demonstram como esses princípios gerais dos procedimentos de Deus para com o Seu povo funcionam na experiência e na prática pessoais. Estão registrados na terceira pessoa, mas às vezes (nos Salmos e noutras partes) são contundentemente descritos na primeira pessoa. Eles mostram os modos como Deus trata com os homens, e ensinam o que Deus exige de nós, faz por nós, e executa por meio de nós.

Como, pois, o Senhor nos guia geralmente pela regra das Escrituras? Muitas vezes, quando somos novos na fé cristã, Deus parece carregar-nos em Seus braços (Isaías 40:11). Ainda não temos entendimento para distinguir o certo do errado, o bom do mau, o melhor do ótimo. Tomamos o que é posto

diante de nós. Somos crianças na fé, e estamos apenas começando a desenvolver um sentido daquilo que é a vontade do Senhor.

No entanto, quando começamos a crescer, o nosso Pai celeste começa a deixar que nos firmemos em nossos pés. Começamos a dar os nossos primeiros passos independentes (não, porém, é claro, com um espírito independente). Vemos que há escolhas para fazer; vemos que agora temos de aplicar a Palavra de Deus à nossa própria situação. *Portanto, a principal necessidade que temos é a de crescente familiaridade com a sabedoria da Sua Palavra, e sensibilidade para com ela.*

A realidade maravilhosa acerca de Deus é que Ele é imutável. Sua Palavra é segura. Ele não muda de idéia. Quando chegarmos a conhecê-lO, bem como os Seus procedimentos e os Seus mandamentos nas Escrituras, podemos estar certos de que permanecem para *sempre.* Quando nos familiarizarmos com tudo que Ele revelou a respeito de Si mesmo, aprenderemos a conhecer a Sua mente. À medida que crescemos no amor a Ele, aprendemos a ser sensíveis àquilo que Ele está pensando acerca da nossa situação. Ao nos tornarmos mais e mais semelhantes a Ele, veremos que o jugo de Cristo ajusta-se confortavelmente aos nossos ombros. Um instinto é criado dentro de nós pelo qual discernimos o que é a vontade do Senhor para as nossas vidas. Jamais achei palavras melhores para expressar esta idéia do que as de John Newton:

> *Mas então como se pode esperar a direção do Senhor? ... Em geral, Ele guia e dirige o Seu povo dando-lhe, em resposta à oração, a luz do Espírito Santo, que o*

capacita a entender e a amar as Escrituras. A Palavra de Deus não é para ser usada como uma loteria; tampouco é destinada a instruir-nos por meio de pedaços e fragmentos que, desligados dos seus lugares próprios, não têm significação determinada; entretanto visa dar-nos princípios justos, discernimento certo para regular os nossos julgamentos e sentimentos, e por intermédio disso, influenciar e dirigir a nossa conduta.[2]

Pode-se dizer, à guisa de objeção, que isso tende a encerrar Deus nas páginas de um livro, e negar-nos todo e qualquer acesso direto a Ele e à Sua vontade para as nossas vidas. Naturalmente isso poderá acontecer, a menos que mantenhamos um verdadeiro espírito de dependência do ministério do Espírito a conduzir-nos ao verdadeiro sentido e aplicação das Escrituras. Mas o abuso de um princípio verdadeiro não é realmente um argumento contra ele. Deve-se deixar de pé o princípio propriamente dito. Isto não é negar que precisamos de auxílio sobrenatural para conhecer a vontade de Deus. *Ao contrário, é exatamente isso que está sendo afirmado*! No entanto, aquilo para o que precisamos do auxílio sobrenatural, é compreender e aplicar a nossa única regra de vida, a nossa única fonte de conhecimento de Deus e Sua vontade – as Escrituras Sagradas.

Isto não seria negar os muitos elementos misteriosos que tantos cristãos descobriram no caminho pelo qual Deus os levou? Não necessariamente! Há várias coisas que devemos notar.

---

[2] *Letters of John Newton* (edição da Banner of Truth), 1960, pp. 81-82

Há muita coisa misteriosa acerca do caminho pelo qual Deus nos guia. O que para Ele é claro, freqüentemente para nós é obscuro. *Mas não fomos chamados por Deus para fazer do misterioso, do incomum, do inexplicável a regra das nossas vidas, e sim, a Sua Palavra.* Deve-se notar, ademais, que muitas vezes estas experiências em que começamos a sentir ou a entender qual é a vontade de Deus para nós, harmonizam-se perfeitamente com a convicção de que a Palavra de Deus é um guia vivo e ativo para nós. Ela penetra entre a alma e o espírito (Hebreus 4:23). Não deveríamos ficar surpresos ao descobrir que Deus faz pressões especiais sobre os nossos pensamentos subconscientes por meio da profunda aplicação dela em todos os aspectos das nossas vidas.[3]

Há um cativante exemplo disso em Atos 16:6-10. Duas vezes, por circunstâncias ou através de causas desconhecidas, o Espírito de Deus impediu o apóstolo Paulo e os seus companheiros de realizarem os planos que tinham feito. Então, certa noite, Paulo teve uma visão. Um homem da Macedônia lhe pedia que fosse para aquele território. O que fez o pequeno grupo de evangelistas? "Imediatamente" procuraram "partir para a Macedônia" (Atos 16:10). Por quê? Porque concluíram que Deus os tinha chamado. É interessante o verbo empregado por Lucas. Significa juntar duas coisas, lado a lado, para chegar a uma conclusão. O que aqueles homens fizeram não foi simplesmente obedecer à visão. Sabiam que nenhuma visão poderia ser uma regra de conduta. Não; eles colocaram a visão ao lado de tudo que sabiam de

---

[3] Ver as excelentes observações de John Murray, *Collected Writings*, vol. 1 p. 188, 1976.

Deus e de tudo que Ele estivera fazendo nas circunstâncias relacionadas com eles. Concluíram, então, que ir para a Macedônia seria coerente com toda a luz que Deus dera anteriormente acerca da Sua vontade por eles naquele momento. Assim, responderam positivamente à visão; não porque era uma visão, mas pelo que puderam concluir quando a colocaram ao lado do conhecimento que tinham de Deus. Esse conhecimento prévio era uma combinação das Escrituras do Velho Testamento e do ensino apostólico. Nós também contamos com essa combinação. Acha-se nas páginas das Escrituras Sagradas.

Desde que é este o modo fundamental pelo qual Deus nos guia, haverá obviamente vários outros princípios que acompanharão o estudo da Palavra de Deus. Três deles podem ser mencionados aqui.

Primeiro, a orientação de Deus exigirá paciência da nossa parte. Geralmente, a Sua direção não é uma segurança dada de forma direta, uma revelação, porém o Seu domínio soberano sobre as circunstâncias das nossas vidas, com a Palavra de Deus como a nossa regra. Portanto, é inevitável que o descobrimento dos Seus propósitos tome tempo – às vezes muito tempo.

Tiago faz um esclarecedor comentário sobre isso. Conta-nos como Jó demonstrou paciência e perseverança sob circunstâncias difíceis. Tiago compara o ponto de vista de Jó com o dos seus leitores. Jó não sabia qual era o grande propósito de Deus. Mas os seus leitores, centenas de anos depois, sabem, porque já viram "o fim que o Senhor lhe deu" (Tiago 5:10-11). Este contraste sublinha as dificuldades em que muitas vezes nos achamos. Não sabemos o que finalmente Deus fará. Às vezes pensamos que sabemos qual é o Seu propósito supremo

para as nossas vidas, somente para descobrir que somos como alpinistas que julgaram que o próximo pico seria o pico culminante. Só quando o alcançamos descobrimos que há ainda outra altitude maior para escalar nos propósitos de Deus.

Às vezes tenho pensado que existem poucas experiências mais difíceis do que a de andar de acordo com a luz dada por Deus, somente para descobrir que tudo parece estar virando pó nas nossas mãos. Depois podem sobrevir dias de dúvida, desilusão da pessoa consigo mesma, talvez um fiapo de amargor, como os salmistas registram. Muito mais tarde podemos estar em condições de ver como todas as peças do quebra-cabeça se juntaram perfeitamente. Podemos dizer: "Até aqui nos ajudou o Senhor" (I Samuel 7:12). Contudo, como precisamos de paciência, e quão impacientes somos muitas vezes! Os que desejam submeter-se à direção de Deus precisam orar pedindo paciência.

Segundo, é essencial que venhamos a ver a parte que o nosso pensamento deveria exercer no discernimento da vontade de Deus. Na verdade, é um exercício de incalculável valor refletir nessa última frase. Ela expressa uma compacta e completa teologia da orientação. Você fala da direção de Deus como "discernir a vontade de Deus"? Ou você costuma falar disso com expressões como "Sinto-me levado a fazê-lo"? Direção – saber a vontade de Deus para as nossas vidas – *é muito mais uma questão de pensar do que de sentir.* Não devemos ser "insensatos" (literalmente, "sem mente", "sem razão"), exorta-nos Paulo, mas sim *entender* qual é a vontade de Deus (Efésios 5:17). Naturalmente, trata-se aqui de uma questão espiritual. Mas não apenas de uma questão de sensibilidade espiritual. É também uma questão de *entendimento.*

O Salmo 119:66 ensina-nos a orar: "Ensina-me bom juízo e ciência, pois creio nos teus mandamentos". É exatamente este o equilíbrio que precisamos aprender. O salmista emprega a palavra "*taam*", que significa "provar", "experimentar". Ele está pedindo tal entendimento e tal refletida aplicação da Palavra de Deus em sua vida para poder, quando surgir a ocasião, tomar a direção certa que Deus quer que ele tome. Isto não vem somente pela experiência. Vem pela combinação do estudo da Palavra de Deus (onde aprendemos os grandes princípios da Sua vontade), um coração submisso ao Senhor da Palavra, e o auxílio do Espírito Santo, que ilumina a Palavra e nos guia numa fiel aplicação dos seus princípios *à nossa própria situação.* Uma das conseqüências disto é que obtemos um crescente "paladar" ou sensação ou percepção da vontade de Deus. Não folheamos mais as Escrituras numa agitada busca para ver se há alguma palavra que Deus faça saltar das páginas para ajudar-nos e inspirar-nos! Ao contrário, desfrutaremos aquilo a que o apóstolo João chama "a unção do Santo" (I João 2:20). Saberemos a vontade de Deus porque podemos "julgar" ou "provar" o sabor dos Seus propósitos quanto a nós.

Saber a vontade de Deus é questão de julgamento. É por isso que não se trata de uma prática não espiritual, quando enfrentamos modos alternativos de procedimento, registrar os prós e os contras da situação, isto é, pôr as razões, possibilidades, problemas de uma decisão em contraste com outra. Quando começamos a avaliar estes fatores contra o pano de fundo de um conhecimento geral da vontade do Senhor nas Escrituras, muitas vezes vemos nossas mentes serem levadas numa direção particular. Com o passar do tempo, começamos a sentir o peso de um curso de ação, em vez de outro.

Terceiro, o descobrimento da vontade de Deus e sua realização envolve a nossa *vontade*. Lembro-me de haver discutido com um amigo o meu futuro quando eu era consideravelmente mais jovem, e de haver expressado dúvidas quanto à minha adequação a uma particular esfera de atividade. Sua reação foi iluminadora: "A questão aqui não é falta de capacidade", disse ele, "mas é falta de vontade de comprometer-se com isso". Aí está o cerne da questão para muitos de nós. "Devo ou não devo?" muitas vezes é, em última análise, "Quero ou não quero?". Isso envolve compromisso e confiança, bem como conhecimento e entendimento. Com muita freqüência, quando os jovens dizem que estão tendo problema sobre a *orientação*, o que realmente os defronta é um problema relacionado com a *obediência*. O que está em jogo é se vamos andar nos caminhos da retidão em que Deus nos guiará. Estamos dispostos a percorrer os vales tenebrosos, se Ele estiver conosco?

É esse o ponto em foco nas grandiosas exortações à consagração que Paulo faz em Romanos 12:1-2, onde ele começa radicalmente a aplicar as muitas misericórdias de Deus sobre as quais estivera falando nos capítulos anteriores. Somente a consagração a Cristo, como um sacrifício vivo e real, nos levará a descobrir pela experiência que a vontade de Deus é "boa, agradável e perfeita".

Talvez por isso os nossos antepassados raramente escreveram sobre o problema de orientação ou falaram dele. Eles analisaram os fatos mais biblicamente. Concentraram-se em ensinar a si mesmos e a outros a vontade de Deus que encontraram nas Escrituras, e a vida de obediência a Deus numa diária submissão à Sua verdade e aplicação desta.

Para muitos o caminho que se lhes descortina adiante

parece-lhes muito claro e reto. Para outros parece que a verdade é o inverso. Para alguns, as grandes questões de orientação podem ser claramente definidas num momento de iluminação especial; para outros, leva muito tempo para chegar a uma compreensão definida. Deus não nos trata como um todo, e sim como indivíduos. O próprio processo pelo qual Ele nos revela a Sua vontade faz parte da direção especial que nos prometeu. Sua hora de agir, como a Sua sabedoria, é absolutamente perfeita, e podemos confiar nEle sem reserva.

Mas, você confiará?

Teu caminho, Senhor, quero, o meu não,
por mais escuro que seja!
Dirigi-me com Tua própria mão,
decide por onde vou.

Seja o Teu caminho áspero ou suave,
ainda será o melhor;
com curvas ou bem plano e reto vai
sempre avante, ao Teu descanso.

Não me atrevo a escolher o meu destino;
não o faria, se pudesse,
escolhe-o, meu Deus, faze-o por mim,
e então saberei por onde andar.

O majestoso reino que procuro
é Teu, daí seja Teu
o caminho, que a ele vai seguro;
por outro me perderei.

Meu cálice segura, Tua mão o encha
de alegria ou de tristeza,
como melhor aos olhos Teus pareça,
seja o meu bem ou meu mal.

Escolhe em meu lugar os meus amigos,
e minha doença ou saúde;
meus cuidados escolhe para mim,
e minha pobreza ou riqueza.

Não seja minha a escolha, nunca minha,
nas coisas grandes ou pequenas;
Sê Tu a minha Força e o meu Guia,
minha Sabedoria – meu Tudo.

– Horatius Bonar

3

GUARDANDO O CORAÇÃO

O livro de Provérbios dá-nos este conselho:

Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida. Provérbios 4:23.

É um conselho salutar. Lembra-nos que a experiência de descobrir a vontade de Deus tem dois aspectos. Estivemos considerando alguns roteiros *objetivos* que as Escrituras nos propiciam. Elas estabelecem uma estrutura básica de obediência à vontade de Deus revelada. Essa estrutura está ali para que todos a vejam e a entendam. Mas há também um elemento *subjetivo* no processo de conhecer a vontade de Deus. Afinal, é a minha vida, não a de outrem, é a minha obediência, não a de outrem, que estão envolvidas nesse processo de chegar à convicção de que um único e determinado caminho é a vontade de Deus para a minha vida.

O ponto de contato entre a vontade de Deus revelada, a minha obediência e o meu andar segundo a Sua vontade para a minha vida pessoal está no coração. Por isso o sábio nos manda guardá-lo – isto é, preservá-lo num espírito de sensível atenção ao meu Mestre e Rei celestial. Devemos mantê-lo alerta para que, por assim dizer, Ele tenha o Seu desejo cumprido em nós a qualquer momento.

Como havemos de manter esta condição espiritual, e como se relaciona esta com o descobrimento da vontade de Deus?

Todas as graças que o Espírito opera em nós, e todas as motivações para a dedicada obediência que as Escrituras nos apresentam são focalizadas aqui. Este capítulo se concentra em algumas delas que requerem muito especialmente a nossa atenção. Todas elas são condições do coração mais bem aprendidas na juventude e desenvolvidas durante a vida inteira. Mas não há nenhum estágio da vida em que elas sejam desimportantes. Tampouco há algum estágio da vida em que possamos comodamente parar de buscar a Deus para ajudar-nos a crescer nestas graças.

Motivos do Coração

O que o leva a querer conhecer a vontade de Deus? Por que isso é tão importante para você? Entre os muitos motivos que Deus nos impõe nas Escrituras, há dois que devem ser separados para menção especial.

1. ***A Brevidade da Vida.*** Se há uma característica que marca assinaladamente o crente, é que ele, homem ou mulher, vive sempre consciente de que a vida tem um começo, um desenvolvimento e um fim. Não dura para sempre. O cristão, dentre todas as demais pessoas, vendo a sua vida à luz da eternidade, sabe que ela é de fato curta. É apenas uma pausa antes de raiar a eternidade e descer a cortina sobre o tempo da nossa peregrinação. Pelo que diz Tiago:

> *"Eia agora vós, que dizeis: hoje, ou amanhã, iremos a tal cidade, e lá passaremos um ano, e contrataremos, e ganharemos; digo-vos que não sabeis o que acontecerá amanhã. Porque, que é a vossa vida? É um vapor que*

aparece por um pouco, e depois se desvanece. Em lugar do que devíeis dizer: se o Senhor quiser, e se vivermos, faremos isto ou aquilo." – Tiago 4:13-15

Você alguma vez se conscientizou de que só tem uma vida para viver e de que cada dia dela só pode ser vivido uma vez? As horas que lhe vêm da misericórdia do seu Pai celestial levarão para sempre a marca que a sua vida imprimir nelas, até se fecharem todas as contas em Seu julgamento final. Nada poderá ser devolvido para correção. Jamais. A vida não é somente curta; é transitória. *Agora* é o dia da salvação, no sentido mais completo possível. Não há outro dia em que possamos gravar o sinete da obediência a Deus.

Naturalmente podemos estar propensos a dizer que há muito tempo para levar em conta essas considerações tão sérias. Todavia estamos enganados, não só porque não sabemos o que o dia nos trará, mas também porque *isso não torna mais fácil ter um coração sinceramente devotado às coisas de Deus.* Nas coisas de Deus gosto produz gosto. Poucos cristãos que não encararam desde cedo a brevidade da vida e a importância de conhecer a perfeita vontade de Deus em todos os seus pormenores, puderam desenvolver esse espírito numa fase posterior da sua vida.

Olhe para Jesus. Aos *doze* anos de idade um espírito de sério interesse pela vontade do Seu Pai dominou a Sua vida. Já estava investigando intensamente o significado da Palavra de Deus para o Seu ministério. Aos *trinta e três anos* Ele pôde dizer a Seu Pai que tinha terminado a obra para a qual fora enviado (João 17:4). Pois bem, Ele é seu Exemplo, como também é seu Salvador!

O cristão que chegou a um acordo com esta vontade não deseja que a sua vida seja dedicada a preocupações e interesses insignificantes. Em vez disso, o seu coração se devotará aos grandes e vitais interesses por viver esta breve vida segundo a perfeita vontade de Deus. Muitos de nós perceberão, quando já for tarde demais, por que o notável pastor francês Adolfo Monod (1802-56), em sua série de curtas mensagens intitulada, "A Dying Man's Regrets" ("Lamentações de um Moribundo"), colocou em último lugar a "Preocupação com interesses insignificantes".[1] Se a nossa consciência tem alguma sensibilidade, deverá chegar a isso.

Será que você tem potencialmente setenta anos para viver para o Senhor Jesus Cristo, e ainda não pensou seriamente sobre qual seja a Sua vontade? Será de admirar que a direção da vida nos pareça um problema em tais circunstâncias?

Se tão-somente começássemos a dar-nos conta de que toda carne é erva, que o vento passa por ela e ela se vai, não faríamos da consagração dos nossos momentos e dos nossos dias uma questão de imediata preocupação? Precisamente nisso devemos guardar o nosso coração.

2. ***O Juízo de Deus.*** Vivemos a vida sob os olhos de Deus, como também à luz da sua brevidade. Mas nas Escrituras não se deve confundir juízo com condenação (como se faz muitas vezes). Pode incluí-la. O Novo Testamento ensina claramente que o cristão é justificado pela graça, porém será julgado por Deus de acordo com as suas obras (Romanos 2:6-10). Contudo, será julgado graciosamente, como foi justificado graciosamente. A parábola dos talentos (Mateus 25:14-30) fala

---

[1] Adolphe Monod's *Farewell* (edição da Banner of Truth), 1962, p.81.

de um homem que, mediante a aplicação de dez talentos para a glória do seu senhor, foi constituído governador de *dez cidades.* Isso é nada mais nada menos que um julgamento dos méritos! É uma recompensa inteiramente desproporcional ao que tinha sido realizado. Mas é essa a natureza do julgamento que Deus faz das nossas vidas. Impregna-o a graça transbordante, a graça superabundante!

Todos os nossos labores serão julgados por Deus. Todos compareceremos ante o tribunal de Cristo (2 Coríntios 5:10). Quando Paulo escreveu aos escravos que viviam em Colossos, lembrou-lhes que o trabalho deles era relevante. O julgamento de Deus conferiu-lhes uma significação muito superior à conferida por seus senhores terrenos. Por isso o cristão se esforça para fazer tudo para a glória de Deus; não devido a um covarde medo da condenação (apesar de que ele sabe também dos terrores do Senhor – 2 Coríntios 5:11), mas sim nos termos de Paulo aos mencionados escravos. "Sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis" (Colossenses 3:22-24). Há uma argumentação similar em Efésios 6:8. O julgamento que Deus faz das obras do crente é segundo a graça. Portanto, qual de nós não estará desejoso de agradar ao Senhor em todas as coisas, sabendo que o Seu julgamento é a nossa mais solene alegria?

Oxalá todos tenham parte em Ti, Senhor;
não há o que possa ser tão abjeto e tão sórdido
que, levando esta insígnia, "Pelo Teu amor",
não se transforme em algo pulcro e rebrilhante.

O servo que esta cláusula tenha por lema,
está realizando um trabalho divino:
quem varre um aposento, e o faz por Tuas leis,
dá figura e nobreza ao seu feito e ao seu gesto.
– George Herbert

Todavia, nas Escrituras os motivos nunca estão sós. De propósito são acompanhados de disposições e hábitos espirituais, e graças do coração. Outra vez pode ser útil separar dois pares deles para menção especial, por estarem estreitamente relacionados com toda a questão da direção de Deus em nossas vidas.

Condições do Coração

Uma das nossas maiores falhas como cristãos é que pode existir discrepância entre as nossas convicções e o espírito das nossas vidas. Por exemplo, estamos persuadidos da graça de Deus. Entretanto o nosso espírito parece expressar muito pouco dessa mesma graça. Diante de Deus, quando buscamos a Sua direção, precisa haver uma crescente harmonia entre as nossas motivações para servi-lO e uma apropriada condição do coração. É preciso haver temor e humildade, e também obediência e confiança.

1. ***Temor e Humildade.*** Estas graças naturalmente andam juntas. Elas se promovem mutuamente. Pois o temor é um correto reconhecimento de Deus; e este reconhecimento produz humildade perante Ele. Essa humildade já comunica uma certa qualidade ao nosso temor do Senhor. Não é um temor covarde, e sim o temor de um filho, de um servo, de um

súdito que ama a seu Pai, a seu Senhor e a seu Rei. De fato, as duas idéias aparecem entrelaçadas em bom número de passagens das Escrituras, tanto em nossa resposta a Deus como, conseqüentemente, em nossa atitude para com os nossos semelhantes (Provérbios 15:33; 22:4; 1 Pedro 3:15). O temor de Deus é particularmente crucial, porque está no âmago da nossa relação com Ele. É "o princípio da sabedoria", quer dizer, é o princípio preeminente e dominante em todo pensamento sábio e em toda sábia decisão na vida.

Mas, que é o temor de Deus, e como se expressa? John Brown o descreve bem, com estas palavras:

> *"Devemos temê-lO; isto é, noutras palavras, devemos nutrir um temeroso senso da Sua infinita grandeza e dignidade, correspondendo à revelação que Ele fez destas em Suas obras e em Sua Palavra, produzindo a convicção de que o Seu favor é a maior de todas as bênçãos, e Sua desaprovação o maior de todos os males, e se manifestando em levar-nos a buscar o Seu favor como o principal bem que podemos desfrutar, e a evitar a Sua desaprovação como o mais tremendo mal a que poderíamos ser sujeitos. Esse é o temor que o cristão deve nutrir e manifestar para com Deus."* [2]

Charles Bridges o expressa de maneira semelhante:

> *"Mas, que é o temor do Senhor? É aquela afetuosa*

---

[2] John Brown, *Expository Discourses on 1 Peter* (edição da Banner of truth), 1975, I, p. 466.

reverência pela qual o filho de Deus se inclina humilde e cautelosamente à lei do seu Pai." [3]

Você verá agora por que o temor de Deus é tão intimamente ligado à Sua direção e à nossa obediência. É o espírito dos nossos corações que dá glória a Deus, e produz aquela comunhão com Ele que Ele Se delicia em expressar na revelação da Sua vontade. É este mesmo espírito que nos mantém no caminho da Sua orientação, conforme Sua vontade se revela diante de nós.

Duas passagens são especialmente relevantes para a compreensão deste ensino. O *Salmo 25* é um desenvolvimento do tema da mão orientadora de Deus. Ele nos diz que Deus "guiará os mansos retamente", ou, na versão utilizada pelo autor, "guia os humildes no que é reto" (v. 9). Ao homem que O teme Ele instrui em Seus caminhos; é íntimo dos que O temem e lhes torna conhecida a Sua aliança (vs. 12-14). Neste contexto, o humilde é aquele que sabe que cometeu faltas, e que facilmente poderia tornar a cair. Assim, ele pede a Deus que esqueça os pecados da sua vida pregressa (v. 7) e lhe mostre os Seus caminhos para o futuro (v. 4). Ele demonstra espírito de dependência de Deus. Sabe que lhe falta sabedoria, mas pede a Deus que lha dê, e a recebe. Quando olhamos para nós mesmos à luz deste ensino, certamente a humildade há de ser um dos frutos do nosso exame introspectivo. Temos o dever de sermos sensíveis às nossas muitas fraquezas, para mantermos sempre um espírito de dependência de Deus como

---

[3] Charles Bridges, *Commentary on Proverbs* (edição da Banner of Truth), 1968, pp. 3-4.

o da criança. Experimentamos Sua grandeza e Sua admirável bondade em perdoar-nos o passado. Assim, aprendemos a temê-lO, para que não O ofendamos de novo.

Isaías 11:2-3 leva um pouco mais longe esse tema.Profetiza o caráter do Messias. Este se deleitará no temor do Senhor! Mais uma vez Charles Bridges faz um pertinente comentário:

> *"O temor do Senhor era uma amável graça da perfeita humanidade de Jesus (Isaías 11:2-3). Seja esta a prova da nossa "predestinação para" sermos "conformes à imagem de seu Filho" (Romanos 8:29). É o genuíno espírito de adoção. O filho de Deus só tem medo de uma coisa – ofender seu Pai; só tem um desejo – agradá--LO e causar-Lhe prazer... "O coração que é tocado pelo ímã do amor divino, treme ainda de piedoso temor"* (Leighton, sobre 1 Pedro 2:17)." [4]

Nas palavras de Isaías há uma ligação sumamente interessante entre o temor de Deus e o conhecimento da Sua vontade e dos Seus caminhos:

> *"E repousará sobre ele o Espírito do Senhor,*
> *o Espírito de sabedoria e de inteligência,*
> *o Espírito de conselho e de fortaleza,*
> *o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor,*
> *e deleitar-se-á no temor do Senhor;*
> *e não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos."* – Isaías 11:2-3.

[4] Charles Bridges, *Commentary on Proverbs* (edição da Banner of Truth), 1968, p. 87.

De fato, o temor do Senhor e o conhecimento da Sua vontade eram quase sinônimos na vida do Seu Servo Jesus (cf. Provérbios 2:6; 9:10). Ele nos deixou um belíssimo exemplo do espírito que deve acompanhar a busca e a prática da vontade de Deus.

Talvez seja por isso que, no Novo Testamento, o temor e a humildade eram características da obediência da Igreja e do seu descobrimento da constante direção de Deus (cf. Atos 2:43; 5:5; 5:11; 9:31). Quando tememos a Deus, abandonamos o mal e praticamos o bem (2 Coríntios 7:1). Vivemos nossas vidas como estrangeiros aqui, com reverente temor (1 Pedro 1:17).

Você tem algum conhecimento disso?

Não há alegria que a alma possa achar
nos diversos caminhos desta vida
que ao suave temor possa comparar-se,
temor que, perante Deus, se encolhe quedo.

Alegria especial há em todo amor
por objetos que nós reverenciamos;
assim, proporcional a esse temor,
o nosso gozo em Deus sempre será.

Ah, como deves ser temido, ó Deus!
E sempre estás tão pronto a abençoar!
O medo de perder amor como o Teu
já transforma o temor num grande amor.

Certo, o temor é amor, e este é temor,
e se entrelaçam sempre, em mútua ação;
mas no temor há gozo bem maior
do que no mero amor que nunca teme.

Quando mais eu Te temo, ó Deus, então,
mais íntimo de Ti, Senhor, pareço;
e bem mais livre sou no coração
quando maior temor de Ti eu sinto.

Eu sinto muito mais que és Pai, é certo,
quando imagino estares junto a mim;
contudo, pelo amor não vens tão perto
como vens quando vens pelo temor.

Bem pouco Te amam, se é que Te amam, pois,
os que não temem muito a Ti, Senhor;
se o amor é o atrativo que propões,
o temor é o Teu santo e terno toque.

– F. W. Faber

2. ***Obediência e Confiança.*** Você se acostumará a ler ou a cantar estas palavras na ordem inversa:

Confiai e obedecei,
pois outro modo não há
de ser feliz em Jesus,
senão confiar e obedecer.

Ora, não se trata apenas de confiar e depois obedecer.

Trata-se também de obedecer e continuar a confiar em Deus, mesmo quando não podemos compreender o Seu modo de agir conosco. Quando Abraão não podia ver, ele confiava (Hebreus 11:8). Mas mesmo quando a confiança vacilava, a obediência era o único caminho para a perfeita vontade de Deus em sua vida (Romanos 4:18; Hebreus 11:17-19).

Vemos ainda esta combinação de bênçãos da graça divina no Salmo 25. É seguro e certo que os caminhos do Senhor são amorosos e fiéis para com os que observam as exigências da aliança de Deus (por obscuros que sejam para os olhos da carne). Esta é a espécie de obediência que nos mantém na vontade de Deus. Na verdade, a tal ponto é este o caso, que Provérbios dá a entender que se desenvolve uma relação natural entre o coração obediente e a tendência de andar segundo a vontade de Deus:

> *"A sinceridade dos sinceros os encaminhará, mas a perversidade dos desleais os destruirá.*
> *A justiça dos virtuosos os livrará, mas na sua perversidade serão apanhados os iníquos.*
> *A justiça guarda ao que é sincero no seu caminho, mas a impiedade transtornará o pecador."*
>
> – Provérbios 11:3,6; 13:6

Aí está uma lição importantíssima que devemos aprender o mais cedo possível na vida cristã. Ser obedientes mesmo quando não sabemos para onde a obediência poderá levar-nos. Isso nos guardará e nos protegerá. Confiemos sempre na Palavra de Deus e vivamos segundo os Seus mandamentos, em vez de somente segundo as circunstâncias, as providências

e as oportunidades. Somente na obediência, numa confiança que se apega à promessa de que Deus está fazendo que todas as coisas cooperem juntamente para o bem dos que O amam, pode haver segurança firme – pois somente na obediência podemos descobrir o grande gozo que há na vontade de Deus.

As condições do coração determinam a qualidade da nossa vida na esfera natural. Um coração enfermo exerce influência debilitante sobre todos os aspectos da nossa experiência. Dá-se a mesma coisa na vida cristã. Por isso devemos exercitar o coração no pensamento piedoso, na confiança obediente, na humildade e no temor de Deus.

Quando os nossos corações se fortalecerem nessas graças, veremos quanto prazer Deus tem em revelar-nos o progressivo cumprimento das promessas da Sua aliança individualmente em nossas vidas.

4

ESTILO DE VIDA CRISTA

Até aqui vimos que o principal meio de descobrirmos a vontade pessoal e especial de Deus para as nossas vidas é a obediência à Sua vontade revelada nas Escrituras. Num certo sentido, saber a vontade de Deus nos envolve numa contínua série de decisões e escolhas. Devemos escolher o caminho do Senhor, e não o nosso próprio caminho, nem o dos ideais do mundo.

Em todas as eras do reino de Deus o Seu povo sempre teve consciência disso. O livro de Salmos começa com palavras que dão a chave do Saltério todo. Faz-nos lembrar que se estendem diante de todos os homens dois caminhos. Há o caminho dos justos e o dos ímpios. O Senhor "conhece o caminho dos justos", ou, na versão utilizada pelo autor, "vela pelo caminho dos justos" (Salmo 1:6). Noutras palavras, Ele os guia na rota das Suas bênçãos quando andam pela estrada da obediência.

Esta ênfase sobre "os dois caminhos" (como veio a ser conhecida) é uma característica marcante do ensino cristão. Um dos mais antigos documentos da Igreja Cristã, chamado *Didaquê,* ilustra isso. Ele começa: "Há dois caminhos, um o da vida, outro o da morte; e entre os dois caminhos há grande diferença". Seus capítulos iniciais expõem o tema com minúcias. Mas isto não é mais que uma continuação da ênfase

do Novo Testamento. Muitas parábolas de Jesus inferem a mesma coisa, dado que nos levam a defrontar duas alternativas na vida. Mais explicitamente vemos esse tema perpassando pelas Epístolas de Paulo. Há o caminho da carne *ou* o do Espírito. Há o caminho da vista *ou* o da fé. Cabe-nos escolher um e rejeitar o outro. Cabe-nos seguir por um deles e fugir do outro. Fazendo isso, andamos no caminho do Senhor.

A carta aos efésios acentua compreensivamente este ensino. Ali (como em Colossenses 1:10; 1 Tessalonicenses 2:12) Paulo discorre sobre *andar dignamente*, adotando o estilo de vida que verdadeiramente segue a vontade de Deus. No restante deste capítulo examinaremos o ensino que ele ministra.

Efésios é, talvez, a carta mais magnífica de todas as de Paulo. Geralmente é considerada como uma carta circular (daí a total ausência de saudações pessoais e também a natureza geral do seu conteúdo). A cópia da carta que possuímos é a que foi enviada para Éfeso. O tema de Paulo é a graça maravilhosa de Deus. Ele expõe as suas espantosas dimensões nos versículos iniciais da carta. A graça de Deus para conosco teve início na eternidade. Ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo (Efésios 1:4). Seu amor nos toca no tempo, mediante a obra realizada por Cristo e pelo Espírito Santo (Efésios 1:12-13). A graça de Deus nos levará à Sua eterna glória, quando gozaremos todas as bênçãos decorrentes do fato de sermos os Seus filhos e filhas adotados (Efésios 1:5,10,14). A graça divina nos transforma, de pecadores mortos e rebeldes, em filhos obedientes (Efésios 2:1-10).

A mensagem da graça não pára nisso. É fascinante observar o desenvolvimento do pensamento de Paulo nestes capítulos. Desde o princípio do capítulo 3 é óbvio que ele está se

esforçando *para aplicar* a graça de Deus às questões da vida cristã prática. "Por esta causa", isto é, por causa desta graça, diz ele, "eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios..." – e, indubitavelmente, sua intenção é dizer: "Rogo-lhes que vivam e andem de maneira completamente coerente com o que a graça de Deus fez por vocês". Mas Paulo não pode escrever a palavra "gentios" sem ser apanhado por total espanto porque *agora,* durante a duração da sua vida, e em grande parte por intermédio do seu ministério, o evangelho se libertou dos seus limites judaicos. A graça de Deus vai alcançando todas as nações! Assim, em certo sentido, ele sai pela tangente do propósito que tinha em vista.

Exatamente a mesma coisa ocorre no início de Efésios, capítulo 4! Palavras semelhantes são empregadas: "Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados". No entanto, quando se põe a expandir o seu tema, vê que é necessário explicar a grande doutrina da unidade, diversidade e resultante harmonia da graça na Igreja. Mais adiante, no versículo 17, ele volta ao tema que tinha começado a desenvolver no capítulo 3.

Às vezes, nas traduções inglesas modernas, esta relação é obscurecida. Mas, nas traduções mais antigas (A.V., R.V.) a palavra "andar" é utilizada constantemente (2:2,10; 4:1,17; 5:2,8,15). Se você marcar estes versículos numa Bíblia em português (mesmo na versão de Almeida, Edição Revista e Corrigida, normalmente utilizada na presente tradução), notará com que clareza o tema do *andar cristão* é desenvolvido nesta carta. O cristão é um novo homem e, portanto, deve andar como um novo homem (Efésios 4:17-24). Precisamente como o homem dominado pelo álcool evidenciará isso no seu *andar,*

o homem que está sob o domínio do Espírito o demonstrará pela maneira como ele anda segundo a vontade de Deus (Efésios 5:18). Ele fará a Palavra de Cristo habitar ricamente nele (Colossenses 3:16). Noutras palavras, ele descobrirá a vontade do Senhor para a sua vida pela obediência à vontade do Senhor para a vida de todos os crentes. Esta vontade nos é dada a conhecer nas Escrituras.

Como havemos de andar de modo digno de Deus? Paulo indica que é vivendo de maneira coerente com o Seu caráter revelado. Na primeira parte da carta, ele fala (1) da revelação do amor de Deus (1:4); (2) da iluminação do povo de Deus por Sua graça (1:17); (3) da revelação da sabedoria de Deus na salvação (3:10). No capítulo 5 ele retoma esses temas e demonstra como a vida cristã é coerente com eles. *Viver segundo a vontade de Deus é andar em amor, andar na luz e andar em sabedoria.*

Andar em Amor

> *"Sede pois imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave.*
> *Mas a prostituição, e toda a impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos; nem torpezas, nem parvoíces, nem chocarrices, que não convêm; mas antes ações de graças.*
> *Porque bem sabeis isto: que nenhum fornicário, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus. Ninguém vos engane com*

palavras vãs; porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência." – Efésios 5:1-6

Que significa "andar em amor"? Paulo o expressa positiva e negativamente. *Positivamente* significa seguir o exemplo do amor de Cristo, demonstrado na cruz. O verdadeiro andar em amor significa dar-se aos outros e pelos outros. Esse é um inalterável princípio do viver segundo a vontade de Deus. Martinho Lutero costumava dizer que o problema com o homem é que ele *é incurvatus in se* – curvado sobre si próprio. Ele torceu os propósitos de Deus para a sua vida vivendo para si mesmo. Mas a graça muda isso, e o faz mudar mais e mais, com vistas a produzir a semelhança de Cristo em nós. Andar segundo a vontade de Deus significa viver como uma oferta a Deus e como um sacrifício vivo pelos outros (Romanos 12:1-2).

Paulo também expressa *negativamente* o andar em amor. Isso é impressionante, em nossa moderna atmosfera de opinião, em que se presume tão superficialmente que quem ama nunca deve dizer "Não". Este é um conceito radicalmente errado. Você notará que, nestes versículos iniciais de Efésios, capítulo 5, Paulo dá uma substancial (e, contudo, não exaustiva) lista de práticas às quais o amor dirá "Não". Andar nos caminhos de Deus significa *recusar* outros caminhos!

Por que há de ser assim? Porque *o amor é o cumprimento da lei.* Portanto, o amor recua ante a quebra da lei. O amor sabe que há muitas atividades sobre as quais ele escreverá "Não-Não" (Romanos 13:8-10).

Você já observou com que clareza essa ênfase negativa aparece na descrição que Paulo faz do amor em

O amor *não* é invejoso
O amor *não* trata com leviandade
O amor *não* se ensoberbece
O amor *não* se porta com indecência
O amor *não* busca os seus interesses
O amor *não* se irrita
O amor *não* suspeita mal
O amor *não* folga com a injustiça

É por esta razão que Paulo descreve a avareza como idolatria, em Efésios 5:5. Geralmente não associamos tão estreitamente essas duas coisas. Mas no modo de pensar do Novo Testamento, o oposto do amor é o amor egocêntrico. E o amor egocêntrico é uma forma de idolatria, exatamente como é a raiz da avareza.

Ter direção, saber e praticar a vontade de Deus, como agora estamos começando a ver, é uma questão moral, e não apenas intelectual. Assim também o amor é uma questão moral. Não é mera questão de sentimentos. Envolve decisões do coração. Estar andando segundo a vontade de Deus implica que alguma medida desta qualidade do amor cristão está sendo exibida em nossas vidas. No mínimo, se dizemos que desejamos a vontade de Deus, temos que fazer do amor o nosso objetivo (1 Coríntios 14:1).

Andar na Luz

Há um tema que se repete neste ensino que Paulo já

indicou no início do capítulo. Ele nos pede que imitemos a Deus como Seus filhos amados.

Estas palavras são importantes. Pois elas nos mostram que Deus não nos deixa aos cuidados dos nossos próprios recursos ou artifícios na vida cristã. Ele nos torna Seus filhos – filhos bem-amados – e nos dá o Espírito de adoção (Romanos 8:15; Gálatas 4:5-6). Para o filho cristão do seu Pai celestial, à semelhança do filho comum de um pai terreno, a imitação, a mímica, é uma conseqüência natural da sua condição de filho! Assim, Paulo nos concita: espelhem Deus, imitem-nO! Sejam como Ele! Ele lhes mostrou Seu amor; portanto, amem. Ele também os tirou das trevas e os levou para a Sua luz; portanto, andem na luz.

Quais as características desse andar na luz?

> *"Portanto não sejais seus companheiros. Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor: andai como filhos da luz. (Porque o fruto do Espírito está em toda bondade e justiça e verdade); aprovando o que é agradável ao Senhor. E não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as. Porque o que eles fazem em oculto até dizê-lo é torpe. Mas todas estas coisas se manifestam, sendo condenadas, pela luz, porque a luz tudo manifesta. Pelo que diz: Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá."* – Efésios 5:7-14

A primeira característica do andar na luz é a *separação.* O filho de Deus não se fará um participante do pecado, nem companheiro dos homens na busca do pecado. Paulo não quer

dizer que o cristão deve *isolar-se* dos seus semelhantes (ver 1 Coríntios 5:9-10). Não; ele deve *distinguir-se deles* pelo estilo de vida que adota. Isso é uma possibilidade para ele graças à segunda característica – sua vida é identificada pelo *contraste.* Estava outrora nas trevas, mas agora está na luz do Senhor! Andava outrora como um homem espiritualmente morto, seguindo o curso deste mundo e o príncipe das potestades do ar, atrás das suas próprias paixões (Efésios 2:1-4). *Não mais, porém.* Agora está na maravilhosa luz de Deus. Ele mudou. Pode-se ver a transformação. O que lhe sucedeu só pode ser descrito em termos do contraste da luz irrompendo nas trevas da criação, pois, "Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (2 Coríntios 4:6). Foi o que aconteceu dramaticamente com Paulo no caminho de Damasco. Acontece, porém, com todo crente. Ele foi trazido para a luz. É diferente do que era quando estava sem a graça de Deus.

A conseqüência direta disso é que o estilo de vida do cristão "reprovará", "acusará" ou desmascarará o estilo de vida do mundo (Efésios 5:13). O mesmo verbo é empregado em João 16:8-11 com referência ao ministério do Espírito Santo. Ele age poderosamente nos corações dos homens a fim de convencê-los da verdadeira natureza do seu pecado contra Cristo. Sua luz os torna cônscios das trevas que subjugavam suas mentes (cf. Efésios 4:17-19). Paulo não quer dizer que a obediência do cristão à vontade de Deus exige que ele sempre saia por aí apontando um dedo acusador aos outros. Essa é a estrada que leva ao farisaísmo. Ele fala de uma obra que é realizada nas vidas de outros, obra da qual nós mesmos podemos

não estar conscientes – a salinidade da santidade cristã irritando as feridas de uma consciência despertada para a percepção do pecado e culpa pessoal.

O ensino de Paulo é amplamente abrangente em suas implicações. Sim, pois sugere que a obediência à vontade de Deus nos envolve numa vida que constitui duro contraste com a vida do mundo. Não haverá sinceridade em nossa declaração de que queremos a vontade de Deus em nossas vidas, se não estivermos sintonizados com a Sua vontade para a santidade pessoal. Paulo põe o dedo em várias partes sensíveis, nestes versículos. Se andamos na luz, temos que viver diferentemente, de maneira obviamente contrastante com a impiedade:

Ergue o Teu padrão, Senhor, para que nós
que alegamos ter celeste nascimento,
possamos conTigo ferir as mentiras
que perturbam Tua terra em sofrimento.

O homem dominado pela vil mentira,
por Deus e a verdade como irá lutar?
Antes deve ser de coração veraz
quem na terra quer essa guerra librar.

Ó Deus da verdade, por Quem anelamos,
ó Tu, que a oração ouves, em Tua bondade,
peleja Tu mesmo em nosso coração,
e ali aniquila toda falsidade.

– Thomas Hughes

"Desperta, tu que dormes e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá." – Efésios 5:14

Andar em Sabedoria

"Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo; porquanto os dias são maus. Pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito." – Efésios 5:15-18

Devemos andar, não como cristãos néscios, nem insensatos (Paulo não nega que os cristãos possam ser *as duas coisas*; insta enfaticamente que não sejam *nem uma coisa nem outra*). A sabedoria e a vontade de Deus são intimamente relacionadas, como sublinha o livro de Provérbios. Para o conhecimento prático dos propósitos de Deus, nada é mais vital que a sabedoria:

"Adquire a sabedoria, adquire a inteligência, e não te esqueças nem te apartes das palavras da minha boca.
Não a desampares, e ela te guardará; ama-a, e ela te conservará.
A sabedoria é a coisa principal: adquire pois a sabedoria; sim, com tudo o que possuis adquire o conhecimento.
Exalta-a, e ela te exaltará; e, abraçando-a tu, ela te honrará.
Dará à tua cabeça um diadema de graça, e uma coroa de glória te entregará." – Provérbios 4:5-9

Mas, o que implica andar em sabedoria? A explicação novamente é de Paulo.

Andar em sabedoria significa andar *prudentemente.* A palavra grega *é akribos,* e, como é empregada em Mateus 2:8 e Lucas 1:3, ajuda-nos a apreciar a sua significação aqui. Quando Herodes soube do nascimento doutro rei, exortou os sábios, dizendo: "Ide, e perguntei diligentemente pelo menino". Quando Lucas se dispôs a escrever o Evangelho de sua autoria, já se havia "informado minuciosamente de tudo desde o princípio". *Akribos,* nessas passagens traduzido por *diligentemente e minuciosamente,* significa acuradamente, cuidadosamente, indo até os mínimos detalhes.

Será que Paulo pretende que o cristão seja um personagem cansativamente minucioso, sempre se agitando em torno de pormenores insignificantes e argumentando sobre a importância de trivialidades? Não! Ele não deseja que a nossa fidelidade a Cristo leve as coisas secundárias a tomarem o primeiro lugar em nosso pensamento. Antes, o que ele quer dizer é que a fidelidade a Cristo se estende a todos os pormenores das nossas vidas. Parte nenhuma delas ficará sem o toque da influência da sabedoria. Teremos o amoroso cuidado de sermos obedientes ao Senhor.

De fato, Paulo mesmo nos explica o que ele quer dizer com andar prudentemente, cuidadosamente. Diz ele que isso envolve remir "o tempo". Ele emprega a palavra *kairos,* que significa "oportunidade". O sábio vê que as oportunidades precisam ser redimidas. É preciso adquiri-las à custa de alguma outra coisa. Não quer dizer que o cristão se preocupará com interesses insignificantes. A verdade é o contrário disso. Ele terá o cuidado de fixar os olhos nas questões de grande

importância espiritual na vida.

Você diz que deseja ver qual é a vontade de Deus em sua vida. Mas você está andando com sabedoria, no sentido de andar cuidadosamente, prudentemente? Está dando a devida atenção às suas oportunidades? Entre os que se queixam de que a direção na vida se lhes tornou uma grande frustração, poucas coisas são mais comuns que o não uso das oportunidades propícias que Deus lhes dá! Portanto, seja cuidadoso em seu andar. Ande sabiamente!

Andar em sabedoria significa também andar *inteligentemente.* Somos exortados a *entender* "qual seja a vontade do Senhor" (Efésios 5:17). A obediência do cristão à direção de Deus é uma compreensiva e inteligente busca daquilo que Deus revelou. Isso jamais é um exercício infenso à mente (ver 1 Coríntios 14:20). Cabe-nos examinar e aprovar "o que é agradável ao Senhor" (Efésios 5:10).

Se lermos essas declarações com um pouco de cuidado que seja, ficaremos logo livres da errônea idéia de que a direção desejada é algo que vem como uma flecha cruzando o espaço, apanhando-nos de surpresa. Não é. Direção divina é a maneira pela qual Deus nos conduz quando meditamos nas implicações da Sua verdade e procuramos ver a aplicação prática da verdade em nossas vidas. Isto envolve a utilização das nossas mentes, para pensarmos bem no caminho que Deus quer que tomemos para servi-lO. Isto requer familiaridade com as Escrituras e comunhão com o Espírito, o qual somente conhece a mente de Deus (1 Coríntios 2:11-13).

Andar em sabedoria, conseqüentemente, significa andar *espiritualmente*, sob o domínio e a direção do Espírito Santo. É por isso que, *neste contexto*, Paulo nos concita a encher-nos do

Espírito. A passagem paralela de Colossenses 3:16 substitui essa exortação por esta outra: "A palavra de Cristo habite em vós abundantemente". Isso dá a idéia de que existe uma estreita relação entre expor-nos ao governo do Espírito e expor-nos à obediência à Palavra de Deus. Onde quer que busquemos, nas Escrituras, ensinamentos sobre a direção de Deus, invariavelmente encontraremos essa combinação. A orientação é sobrenatural; a vontade de Deus nos é dada a conhecer espiritualmente. Aí está por que temos necessidade de andar no Espírito. Mas também nos é dada a conhecer pela Palavra. Aí está por que precisamos andar *inteligentemente* no Espírito.

O contrastante distintivo do andar cristão, nesta porção dos ensinos de Paulo, é a gratidão. Devemos estar "dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (Efésios 5:20). A ação de graças toma o lugar do pecado (Efésios 5:4). Sempre! Por tudo!

Por que deve ser assim? Porque os que andam em amor, na luz e em sabedoria desenvolvem a certeza de que, sejam quais forem os seus fracassos, estão sempre andando no caminho em que todas as promessas de Deus podem estar à sua espera. Sabem eles que, por mais escuro e perigoso que este caminho seja, eles não poderiam ser mais felizes nem estar mais seguros em nenhum outro lugar. Conscientes de que estão vivendo na obediência a Deus, todas as circunstâncias e providências da vida poderão ser aceitas alegremente, como provindas das mãos do seu Pai celeste. Para o Pai, eles podem ir com seus temores e ansiedades que a Sua vontade parece ter lançado sobre as suas vidas. Eles sabem que Ele usa todas estas experiências para transformá-los à imagem de Cristo. Pois

isso Ele predestinou para eles. Portanto, eles experimentam uma certeza de que todas as coisas cooperam para o seu bem, e de que nada os pode separar jamais do amor de Deus no Senhor Jesus Cristo! *Por isso podem ser agradecidos ao Senhor pelos caminhos nos quais Ele os conduz.*

O cristão que anda em amor, na luz e em sabedoria será um cristão agradecido. Isso o fará marcantemente diferente. Ele conhece em certa medida *agora* o que conhecerá plenamente *mais tarde*:

Com Sua misericórdia e Sua justeza,
a teia do meu tempo Ele teceu,
e o certo é que no orvalho da tristeza
o Seu amor divino resplendeu;
bendirei, pois, a mão que me guiou
e o coração que tudo planejou,
quando à plena glória eu for exaltado,
à terra de Emanuel, meu Deus amado.

– Anne Ross Cousin

5

PRINCÍPIOS DE CONDUTA

Nosso capítulo anterior salientou o fato de que andar segundo a vontade de Deus produz um estilo de vida marcantemente distintivo. Haverá certas características que serão próprias de todos os cristãos de todos os lugares e de todas as épocas. Existem qualidades permanentes, acerca dos cristãos verdadeiros, que os tornariam reconhecíveis aos seus irmãos na fé em períodos muito diferentes da história da Igreja.

Mas para cada cristão a questão que se levanta não é, "o que é próprio dos cristãos sempre?" É, sim, *"qual é a vontade de Deus nesta situação particular, única, em que me encontro?"* Temos que enfrentar a questão da natureza dos princípios que governam a conduta cristã. Como podemos descobrir a vontade de Deus quando nos defrontamos com uma colocação possivelmente desnorteante de escolhas?

No capítulo quatro observamos que a exposição do andar cristão foi um tema da maior importância numa das cartas de Paulo. Esta ulterior questão dos princípios determinantes que nos levam à vontade de Deus para as nossas vidas é também um tema do qual Paulo trata um tanto longamente. Vemo-lo discutir este assunto em sua Primeira Epístola aos Coríntios.

Os coríntios estavam correndo o perigo de fazer o que nós temos acentuadamente dito que nunca deve ser feito. Tinham começado a promover o divórcio entre o espiritual e

o ético. Estavam muito empolgados pelos dons e experiências espirituais, e ignoravam o fato de que o evangelho tem um afiado gume ético. O Espírito que nos é dado para prodigalizar-nos os Seus dons é um Espírito *Santo.* Se o Seu amor não for produzido em nós, de nada nos valerão todos os nossos dons. Essa é a mensagem. Em vez de dar-lhe ouvidos, os coríntios estavam tão magnetizados por sua recém-descoberta liberdade de espírito que introduziram um novo lema no jargão comum da sua pequena comunidade: "Todas as coisas me são lícitas" (1 Coríntios 6:12; 10:23).

Facilmente poderíamos verter isso para a espécie de lema que bem pode levantar-se entre os cristãos hoje em dia. Na verdade, não é preciso *inventar* os paralelos. Eles já existem: "Você pode levar Jesus a qualquer lugar". Não faz muito tempo que a velha expressão de Agostinho estava nos lábios de muita gente: "Ame a Deus e faça o que quiser". Naturalmente, o problema é que mesmo frases curtas e rápidas como essas são abreviadas mais ainda. Tornam-se "qualquer lugar" e "faça o que quiser". É o que tinha acontecido em Corinto. Houvera uma amputação da liberdade espiritual, separando-a da responsabilidade moral.

Paulo dedicou a esta questão duas secções da sua Epístola – 1 Coríntios 6:9-20 e 10:23 a 11:1. Os pormenores das situações que ele considerou não têm por que interessar-nos aqui. Não constituem leitura agradável. O que nos interessa é que foi nesse contexto que Paulo deu aos coríntios certos princípios pelos quais deviam regular a conduta deles. Ele explicou como poderiam descobrir o que realmente era coerente com a vontade de Deus para as suas vidas em toda e qualquer situação. Ele quis mostrar-lhes como relacionar a liberdade dos filhos de

Deus com sua responsabilidade de viver vidas plenamente agradáveis a Ele e obedientes à Sua vontade.

Os princípios de Paulo continuam válidos. E não é só isso; eles são de grande utilidade prática para nós, para discernirmos a vontade do Senhor em nossas vidas. Um cuidadoso estudo deles dará surgimento a uma série de perguntas que ajudarão a desvendar o que pode ser a orientação de Deus em qualquer situação.

1. É Lícito?

Os coríntios davam ênfase ao princípio (bíblico) de que Cristo os tornara livres. Paulo retorquiu que *a liberdade não é o único princípio da vida cristã.* A liberdade é *para* alguma coisa. Deus nos tornou livres para a santidade. Ele nos livrou da culpa e da escravidão do pecado não, porém, para que nos escravizássemos aos mesmos pecados pelos quais Cristo morreu para redimir-nos!

Isso é vigorosamente reforçado pelo apóstolo, em 1 Coríntios 6:9-11. Paulo dá uma longa lista dos tipos de conduta pecaminosa contrários à condição de membros do reino de Deus. Ele não quer dizer que esses pecados hediondos são o pecado imperdoável. Alguns dos coríntios haviam cometido esses mesmos pecados antes de serem convertidos. Mas tinham sido lavados, santificados e justificados mediante Jesus Cristo! Entretanto, tinham que ser convertidos radicalmente para se ajustarem ao reino de Deus. Nenhuma anarquia está presente ali – trata-se de um reino, uma monarquia, e sob o governo dos grandes e santos mandamentos de Deus.

Qual é a posição de Paulo? É que *nenhuma ação que seja*

contrária à clara Palavra de Deus jamais pode ser legítima para o cristão. Nenhum apelo à liberdade espiritual ou a circunstâncias providenciais pode transformar aquilo que é eticamente errado nalguma coisa senão no que é pecaminoso – pois o cristão é livre somente para amar e obedecer a lei de Deus. Aí está a sua verdadeira liberdade.

Muitas vezes podemos reduzir as possíveis escolhas que defrontamos em diferentes ocasiões em nossas vidas com esta simples pergunta: *é lícito?* Com que presteza satanás parece capaz de cegar-nos justamente neste ponto – e perdemos de vista o fato de que somos salvos para sermos santos.

2. É-me Benéfico?

Se a nossa primeira pergunta tem a ver com a natureza da ação propriamente dita, a segunda tem a ver com as suas conseqüências. Pode ser verdade (em certo sentido), diz Paulo, que "todas as coisas ... são lícitas" (ver 1 Timóteo 4:4; Romanos 14:14 etc.). "Mas nem todas as coisas convêm" ou "Mas nem tudo é benéfico" (1 Coríntios 6:12).

Por certo você já foi desafiado por outro cristão quanto a algum modo de agir, e automaticamente respondeu indagando: "Que há de errado nisso?" É a mais natural forma de autodefesa. Contudo, pode muito bem ocultar uma consciência culposa – pois, no fundo, no fundo, sabemos, como Paulo no-lo ensina incisivamente, que não é essa a pergunta realmente importante. Pode não haver "nada de errado nisso" mas pode não haver nada certo nisso; pode não ser benéfico para mim.

A interrogação que devo aprender a fazer é esta: isso me beneficiará, o quanto eu possa julgar, de modo que o meu

relacionamento com o Senhor Jesus Cristo seja fortalecido? Isso me aproximará mais dEle?

Há muitas áreas em que isso tem aplicação. Quando me deparo com a escolha de uma ocupação, ou de uma esfera de trabalho, ou de uma transferência para outra região do país, com tudo o que isso envolve de companheirismo, ministério e influência espiritual, certamente me vejo obrigado a fazer essa pergunta. Naturalmente não é este o fator absolutamente determinante em cada caso. Mas é um fator importante em muitos casos.

Talvez me surja a oportunidade de gastar certa soma de dinheiro com alguma coisa em que pus o meu coração. Seria esta, porém, a vontade de Deus? Bem, deixemos que a pergunta se introduza em minha mente: trará benefício? Ou terá a tendência de consumir meu tempo, minhas energias e meus interesses de um modo tal que acabarei ficando espiritualmente mais pobre? Isso vai complicar a minha vida, em vez de simplificá-la?

Naturalmente, jamais duas pessoas darão exatamente a mesma resposta em qualquer situação. Já não estamos falando sobre se determinado modo de agir é lícito ou legítimo para o cristão. Estamos considerando somente as ações que são lícitas e legítimas. Todavia, uma coisa que pode ter influência neutra sobre uma pessoa, pode ser prejudicial para outra. Não somos chamados para julgar a consciência alheia (1 Coríntios 2:15; 4:3-5). Mas o homem espiritual "julga todas as coisas", "discerne bem tudo", e é isso que ficamos capacitados a fazer quando perguntamos: "É-me benéfico?" Na experiência dos outros, pode ser e pode não ser benéfico. Isso não me compete. Sou responsável, perante

Cristo, por minha própria mordomia cristã. Isto *me* é benéfico?

3. É Escravizante?

"Todas as coisas me são lícitas", ou "permissíveis", porém não serei dominado por coisa nenhuma (1 Coríntios 6:12). Há um jogo de palavras no que Paulo diz: todas estas coisas estão em meu poder – mas, acabarei eu em poder delas? Ademais, supondo que o que está sendo considerado cai dentro da categoria das coisas legítimas, esta questão só pode ser respondida definitivamente em termos pessoais.

Em que consiste o princípio? Nisto: que o cristão seja sempre o senhor de si próprio, mediante a graça do Espírito. Paulo ilustra isso um pouco depois, em 1 Coríntios. Na corrida, todos os competidores passam antes por rigoroso treinamento. Nesse treinamento, procuram dominar e subjugar todos os seus apetites naturais para que, em vez de serem dominados, eles mesmos dominem os seus corpos e os tornem seus escravos (1 Coríntios 9:27).

O que acontece com o atleta que fica a lambiscar bolos cremosos e acumula calorias demais? Chega a hora durante a corrida quando ele deixa de ser o senhor, e os apetites aos quais se rendera acabam com as suas energias. Eles o têm à sua mercê, e todas as esperanças de ganhar o prêmio têm que ser abandonadas.

Não seria patente o paralelo disso na vida cristã? É possível fazer uma escolha que, por fim, tenderá a eliminar as nossas energias espirituais; entregar-nos a coisas que, por mais legítimas que sejam em termos gerais, finalmente serão a força dominante e diretora de nossas vidas.

Naturalmente temos nossas liberdades espirituais. Mas quando nos vemos incapazes de usufruir a vida cristã sem as nossas liberdades, já ficamos escravos delas. Por exemplo, não há mal nenhum, presumivelmente, em possuir um carro novo, ou em viver numa casa confortável, ou em degustar vários alimentos, ou em tomar tempo na busca de diversos objetivos ou com certos tipos de gente. Entretanto quando, sem essas coisas, não ficamos contentes; quando simplesmente *temos que tê-las* – já não são mais nossas liberdades, e sim nossas algemas. O cristão deve desenvolver, em Cristo, uma perspicácia para com aquelas coisas pelas quais ele se deixa levar mais facilmente como seu escravo. Jamais deverá estar muito distante do seu pensamento esta pergunta: "Isto me vai escravizar?" "Não me deixarei dominar por coisa nenhuma" é um excelente texto-lema para a pessoa que recebeu o espírito de autodisciplina (2 Timóteo 1:7).

4. É Coerente com o Senhorio de Cristo?

Pecado de trágicas proporções irrompeu na igreja de Corinto. Conseqüentemente, Paulo fica a indagar se os cristãos coríntios tinham compreendido seu relacionamento com *o Senhor.* O único capítulo em que ele não usa esse título é o capítulo 13! Perturbava-o profundamente não terem captado os coríntios que eles não se pertenciam a si próprios; que tinham sido comprados pelo altíssimo preço da vida do seu Senhor (1 Coríntios 6:19-20; 7:23).

Qual a preocupação de Paulo? É que sempre que o cristão se aplica a um determinado curso de ação, ele o faz em união a Cristo. *Nada* rompe essa relação. Nem mesmo o pecado a

pode anular. Essa é a terrível verdade. Toda vez que os coríntios se davam à prática de algum pecado grosseiro e indecente, *arrastavam Cristo com eles nisso.*

Às vezes dizemos que o princípio pelo qual toda ação pode ser julgada é este: posso levar Cristo ali? Há verdade nisso. Só que não é toda a verdade. Sim, pois, Paulo acentua, não temos escolha nessa questão. Queiramos ou não, *levamos* Cristo lá. Como pessoas unidas a Ele, não O podemos deixar para trás. Assim, a verdadeira pergunta é: posso levar Cristo alí e olhá-lO no rosto sem me envergonhar? Porventura este ato que estou para praticar, esta decisão que estou querendo tomar, seria totalmente coerente com a minha confissão pessoal de que Jesus Cristo é meu Senhor?

É preciso salientar ainda que esta questão, em si mesma, oferece auxílio limitado. Sua resposta pode solucionar questões acerca da vontade do Senhor de interesse imediato (particularmente se a resposta for "Não"). Mas não constitui em si mesma uma prova totalmente suficiente. Ela não é o papel de tornassol final pelo qual podemos discernir a vontade do Senhor. Precisamos levar todas estas questões em consideração. E, tendo procurado respondê-las todas, talvez vejamos que ainda há uma momentosa decisão que Deus espera que tomemos. No entanto, dificilmente se pode duvidar de que muito pensamento confuso começou a desaparecer da igreja de Corinto quando estas questões penetrantes foram colocadas diante dos seus membros. Nós também veremos a mesma coisa.

5. É útil para Outras Pessoas?

Quando prosseguimos no exame da Primeira Epístola aos

Coríntios, vemos que Paulo faz perguntas parecidas com referência a uma situação diferente – o que indica que estamos na trilha certa quando acreditamos que estas questões têm ampla e valiosa aplicação a muitas áreas do nosso pensamento. Mas ele acrescentou outras.

Não devo satisfazer-me com a pergunta sobre se determinada ação me será pessoalmente útil. Terá um efeito benéfico semelhante sobre outros? De fato me envolvo nisso com vistas a servir e ajudar a outros? Ou estou correndo o risco de destruir a obra de Deus (Romanos 14:20)? Ao falar da liberdade pessoal do cristão e do modo como esta deve ser contraposta às forças e fraquezas dos outros, Paulo confessa: "... eu em tudo agrado a todos, não buscando o meu próprio proveito, mas o de muitos, para que assim se possam salvar. Sede meus imitadores..." (1 Coríntios 10:33; 11:1).

Jesus vivia segundo este princípio. Quando Ele resumiu o Seu compromisso missionário em Sua grandiosa oração ao Pai, disse: "E por eles me santifico a mim mesmo" (João 17:19). Nosso interesse deve ser o de ajudar e agradar os outros, é o que Paulo afirma, "Porque também Cristo não agradou a si mesmo" (Romanos 15:3). Isto não nos levaria a compreender o fato de que a vontade de Deus (e, portanto, Sua direção) é a coisa mais exigente no mundo? Não nos fere até o ponto de dividir nossas vidas, e nossas almas e espíritos? (Hebreus 4:12). Pois muitas vezes nos interessamos pela direção divina para que as nossas vidas fiquem livres da ansiedade e da incerteza – para podermos ter certa medida de conforto e segurança pessoal. Por outro lado, Deus está interessado em que nos entreguemos a Ele para fazer a Sua vontade, *seja qual for o preço.* O modelo da vontade de Deus é a imagem do Seu Filho na cruz. A

vontade de Deus significa a morte da nossa própria vontade, e a ressurreição somente quando tivermos morrido para todos os nossos próprios projetos.

Realmente achamos ser isso que estávamos buscando quando dizíamos que desejávamos a direção de Deus?

6. É Coerente com o Exemplo Bíblico?

Não se surpreenda ao ver que as considerações de Paulo chegam à sua conclusão com estas palavras: "Sede meus imitadores, como também eu de Cristo". (1 Coríntios 11:1).

"O que Paulo teria feito?" "O que o próprio Cristo teria feito?" São as perguntas que podemos fazer agora. Há acontecimentos ou ensinos nas Escrituras que podem ser aplicados à situação em que me acho? Terei ali uma pista que me leve à vontade de Deus para a minha vida neste momento? (Ver Filipenses 3:17; 2 Tessalonicenses 3:7; 2 Timóteo 3:10; Hebreus 6:12; 13:7).

Não somos abandonados à nossa própria imaginação no trato desta questão. O único Cristo que conhecemos – e quanto a isso, o único Paulo que conhecemos – deve ser encontrado nas páginas das Escrituras. Aqui somos de novo levados de volta ao nosso grande princípio: descobrimos a vontade de Deus mediante uma criteriosa aplicação das Escrituras às nossas vidas.

O apóstolo Pedro fala de maneira semelhante. Cristo sofreu por nós e nos deixou *exemplo* para seguirmos Suas pegadas (1 Pedro 2:21). Ele emprega uma palavra bem pitoresca, que significa modelo ou padrão a ser copiado. É o tipo de expressão que costumamos usar com referência ao leve

contorno que o professor faz a lápis e que a criança faria com mão mais pesada e preencheria a seu modo peculiar. Que figura da vida cristã! Cristo nos ensina a viver pela fé, andando adiante de nós em Seu modo de viver e nos dizendo: "Agora, ponha os seus pés nestas minhas pegadas, e você aprenderá depressa".

É exatamente isso que nos cabe fazer. Temos que transitar por cima das linhas que Cristo traçou, linhas que encontramos nas Escrituras. Devemos tomar Sua mão, encontrar Suas pegadas nas Escrituras, e segui-las. Devido ao seu ministério apostólico, Paulo podia animar os seus contemporâneos a segui-lo porque ele seguia a Cristo. Ainda há uma aplicação disso que nos beneficiará em nosso pensar.

Contudo, mesmo neste ponto, Paulo não pode fugir ao desafio maior: seja o que for que façam, 'fazei tudo para glória de Deus" (1 Coríntios 10:31). Tampouco nós podemos fugir a esse desafio. É a inegociável norma do viver cristão. Se o meu coração se render pela glória de Deus, então verei que o jugo destas questões é suave, e que o fardo da santidade do evangelho é deveras leve:

É lícito?
É-me benéfico?
É escravizante?
É coerente com o senhorio de Cristo?
É benéfico para outras pessoas?
É coerente com o exemplo de Cristo e dos apóstolos?
É para a glória de Deus? E quanto a isso, estou eu vivendo para a glória de Deus?

A missão que me tens designado,
ajuda-me a cumprir com alegria,
e minhas obras vejam com agrado
Tua presença e cumpram Tua vontade.

A Ti, que vês o meu ser interior,
desejo ter à minha mão direita,
e o que eu faça, entregar-Te com amor,
sempre agindo, Senhor, ao Teu comando.

Dá-me Teu suave jugo suportar,
orando e vigiando o tempo todo,
as coisas eternais a contemplar,
apressando-me ao Teu glorioso dia.

– Charles Wesley

6

CONSIDERE A SUA VOCAÇÃO

Costumamos passar mais tempo com a nossa vocação do que com qualquer outra coisa. Tomamos menos tempo com o lazer, com os estudos e com as atividades da vida familiar do que com a obra para a qual Deus nos chama.

Para o cristão, a escolha de uma carreira será vista como a decisão mais importante de quantas tenha que tomar. Essa escolha determinará muitos aspectos da sua vida. É essencial, portanto, estarmos certos de que estamos fazendo a vontade de Deus.

Mas, o que será que Deus quer que eu faça? Como poderei reconhecer o Seu chamamento? Terá Ele alguma coisa específica para eu realizar?

Primeiramente, precisamos colocar esta questão contra o pano de fundo geral do ensino bíblico. Você nunca notou, ao estudar os Dez Mandamentos, que o mandamento que usualmente associamos à guarda do dia de santo repouso, na verdade se refere à maneira como guardamos os mandamentos de Deus todos os dias? Devemos santificar seis dias da semana, realizando durante eles o nosso trabalho. Devemos santificar o sétimo, descansando do nosso labor e prestando culto ao Senhor: "Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus. Nele não farás nenhuma obra ..." (Êxodo 20:9-10).

O trabalho é um privilégio. É dom de Deus. Entretanto é também mandamento e dever. Deus no-lo deu para fazer-nos homens e mulheres completos. Na verdade, as Escrituras indicam que, quando trabalhamos, refletimos a imagem de Deus, exatamente como, ao descansarmos, modelamos a nossa conduta pela conduta do nosso Criador: "Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia de sábado, e o santificou" (Êxodo 20: 11).

Jesus trabalhava. Durante a maior parte de Sua vida, Ele foi carpinteiro – provavelmente um artesão. A madeira era o meio de que se utilizava. Ele era, como poderíamos dizer, "bom com as Suas mãos".

É grande tragédia termos perdido de vista o que Jesus fazia. Freqüentei uma escola na qual só os que não conseguiam graduar-se nas disciplinas mais acadêmicas tinham aulas de trabalho em madeira ou de artesanato. Alguns de nós trabalhavam com o cérebro, outros com as mãos. Ou assim se pensava. Mas a maioria de nós, na verdade todos nós, realmente precisava trabalhar com o cérebro e com as mãos. Haveria menos problemas nas relações industriais hoje se existissem menos escolas como aquela que freqüentei!

Jesus trabalhava com as mãos e também com a mente. Ele não achava que o trabalho manual era menos importante que a atividade mental, para Deus. Ele não achava que o trabalho dos que usam a gravata no serviço era melhor do que o dos que usam macacão. Ele sabia que ambos são dons de Deus e, assim, desfrutava os dois. Aos doze anos de idade, Ele pôde fazer latejar as grandes mentes da Igreja do Seu tempo com questões profundas (Lucas 2:46-47). Todavia também

achava profunda satisfação quando fazia entalhe e trabalhava no banco de carpinteiro.

Jesus conhecia os primeiros capítulos de Gênesis. Ele descobriu lá que, quando Deus fez o homem, deu-lhe muito em que pensar: como haveria de governar este mundo maravilhoso ern que fora colocado? Que nomes daria aos animais que Deus lhe dera? (Ver Gênesis 1:26; 2:19s.) Mas o homem tinha também trabalho para fazer com as mãos. Tinha que cuidar do jardim (Gênesis 2:15). Ainda não sentia frustração e fadiga nesse trabalho (Gênesis 3:17-19); porém era trabalho, nada mais nada menos que trabalho duro. Por meio desse trabalho ele foi abençoado; achava grande prazer nele. E no fim do dia, certamente ele podia alçar os olhos às estrelas e, antes de se recolher para dormir, podia cantar:

> *"Quando vejo os teus céus,*
> *obra dos teus dedos,*
> *a lua e as estrelas que preparaste;*
> *que é o homem mortal*
> *para que te lembres dele?*
> *e o filho do homem,*
> *para que o visites?"*

> *"Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste.*
> *Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés; todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo,*
> *as aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares.*

Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome sobre toda a terra!" – Salmo 8:3-9.

Quando o cristão serve a Deus em seu trabalho diário, também pode deitar-se à noite com o mesmo espírito de gratidão e de alegria. Ele sabe que o seu trabalho não é um infeliz acréscimo à vida cristã. É parte integrante dela. Juntamente com o lar, a vida em família e a comunhão do povo de Deus e seu serviço, a carreira vocacional da nossa vida é bênção prometida pelo Senhor.

Pois bem, será que a cumprimos com as motivações certas? Queremos dar o máximo de nós ao nosso trabalho porque vemos o privilégio disso? Desejamos consagrar-nos à vontade do Senhor porque sabemos que os olhos do Mestre estão sobre nós? Acreditamos realmente que o trabalho é um privilégio e uma dignidade que, por Sua graça, Deus concedeu aos Seus filhos?

Se agimos assim, é importante que captemos claramente as –

Considerações Que Nos Ajudam a Identificar a Nossa Vocação

No fim do dia *nós* teremos que decidir qual é a vontade de Deus! Com facilidade ficamos confusos acerca da natureza da direção de Deus. Buscamos revelações sobrenaturais, quando o que Deus requer de nós é que vivamos segundo a Sua Palavra. Queremos abandonar os nossos processos normais de pensamento, quando o que Deus quer é que nos empenhemos em raciocinar os Seus propósitos para as nossas vidas.

Queremos saber imediata e intuitivamente o que devemos fazer, quando o que Ele quer é preparar-nos para a tarefa por meio do lento e às vezes penoso processo de espera.

Repetidas vezes pessoas que lêem livros e opúsculos "padrão" sobre orientação para a vida, queixam-se de não os acharem realmente úteis. Muitas vezes o que elas querem dizer é que não descobriram a sua vocação pessoal pela leitura de um opúsculo sobre orientação! Como se Deus depositasse num opúsculo a Sua vontade pessoal, planejada eternamente para a vida de cada cristão! Não se pode saber a Sua vontade fora do processo de descobri-la no desenrolar do tempo.

As biografias bíblicas do povo de Deus deveriam deixar isso claro para nós. Tome-se o caso de Abraão. Não partiu ele *sem saber para onde ia*, sem realmente estar certo do que Deus planejara? (Ver Hebreus 11:8). Mas ele agiu baseado na clara revelação da vontade de Deus. Ou, veja-se José. Deus lhe tinha dado um aviso sobre o seu destino, no sonho que ele precipitada, tola e insensatamente revelara à sua família (Gênesis 37:2-11). Ele nunca podia imaginar a maneira pela qual o sonho chegaria ao seu cumprimento! Nunca poderia levá-lo a efeito por conta dele! Foi um longo, lento e às vezes penoso desenrolar das cordas da graça que finalmente o conduziu aos propósitos finais de Deus.

Naturalmente, a razão disso é que Deus não está interessado apenas em que conheçamos a Sua vontade. Seu relacionamento conosco não é meramente intelectual. Esse é o grande erro que muitos jovens que gozam o privilégio de uma educação superior ou universitária têm a probabilidade de cometer. Mais tarde na vida recordaremos isso com a sensação de quão tolos fomos pensando que Deus é apenas

uma grande Mente com a qual entramos em contato. Ao invés disso, Deus está interessado em nosso desenvolvimento pessoal, espiritual e emocional. É por isso que tantas vezes Ele toma tempo conosco a fim de preparar-nos para a obra que planejou.

Deus não tem pressa. Precisamos aprender isso. E isso podemos aprender das exortações dos Salmos a *esperar pelo Senhor.* De há muito preparou Ele as boas obras nas quais Ele quer que andemos (Efésios 2:10). Não há por que ficar ansioso ou em pânico. Ele não é apenas o Planejador da Vida de cada um de nós. É Pai; Ele sabe o de que necessitamos antes que Lho peçamos; Ele contou os fios de cabelo de nossas cabeças! Nós, que temos falta de paciência para tal empreendimento, devemos aprender a confiar na onisciente sabedoria de Deus.

Qual é o problema básico que enfrentamos quando passamos a considerar a vocação da nossa vida? É este: em muitas áreas da vida vemos que a Bíblia nos dá direção clara e definida. Não devemos mentir nem roubar. É proibido. Estas ordens são aplicáveis universalmente. Não há exceções quanto a elas. Temos pouca dificuldade em saber como pô-las em prática. Mas as nossas dificuldades começam a aparecer quando Deus diz: você *pode* fazer isto; você *pode* usufruir aquilo. De fato, é muito mais difícil seguir ordens positivas que negativas (fato que muitas vezes deixamos de entender quando pensamos na bondade de Deus manifesta na dádiva dos mandamentos). Sim, pois neste caso nos defrontamos com uma escolha! Podemos casar-nos, por exemplo. Todavia (ao menos à primeira vista) parece haver tantas possibilidades de escolha para o casamento! Podemos trabalhar. Mas, da multidão de ocupações que se nos abrem, como saberemos qual é aquela para a qual Deus nos chamou?

Não há texto na Bíblia que diga: *o que você deve fazer da sua vida é isto.* Há textos que dizem: *estas são as coisas que você não deve fazer.* Então, como chegar ao conhecimento pessoal da vontade de Deus? Há várias considerações muito importantes.

(1) *Assinale as possibilidades*

Se você lesse um manual de carreiras vocacionais, provavelmente acharia que a escolha é tão ampla que acabaria sendo impossível. Mas não é bem assim. Em primeiro lugar, todos nós podemos limitar as possibilidades. É sempre sábio procurar fazer isso.

Há algumas carreiras que não são legítimas para o cristão. Assim como há pessoas que o cristão evitaria desposar por ser impossível compartilhar a vida no mais profundo nível da fé em Cristo com elas, também há carreiras na sociedade contemporânea que todo cristão considerará ilegítimas. De fato, pode muito bem ser que é a isso, e não à questão do casamento, que a bem conhecida passagem de 2 Coríntios 6:14s se refira.

Com isso limitamos imediatamente o campo, embora pouco. Nosso objetivo é, com o auxílio de Deus, estreitar quanto possível o campo.

(2) *Considere os seus dons*

Isto deverá dar importante ajuda para o descobrimento da vontade de Deus. O Deus que é o Deus de providência, que provê as circunstâncias e oportunidades da minha vida, é também o Criador, o qual me fez, me modelou e me deu as

habilidades e dons que eu possuo. Normalmente Ele não interporá contradição entre as Suas providências e os Seus dons. Antes, deleita-Se em adequá-los e harmonizá-los, e em observar a alegria dos Seus filhos quando estes começam a perceber com que perfeição Ele o faz.

Este princípio governa a vida e a comunhão da Igreja. "Tendo dons que diferem segundo a graça que nos é dada, usemo-los" (Romanos 12:6, R.S.V.). Mas esse princípio deverá governar a vida completa do crente. Alguns de nós têm dons de tendência intelectual; outros são dotados para a comunicação com as pessoas; alguns dons são aplicáveis ao âmbito social, outros ao âmbito individual. Alguns são dotados pela constituição física, *assim como pelo temperamento natural*, para o trabalho manual. O que todos devemos estar aprendendo, como filhos de Deus, é que, uma vez que Ele nos fez, Ele nos ama; uma vez que, por amor ao Senhor Jesus Cristo, Ele nos aceita, como somos, para transformar-nos à Sua imagem, devemos aprender a aceitar-nos a nós mesmos, bem como as oportunidades e os dons que Deus nos deu. Devemos usá-los todos para Ele.

Devemos cuidar para não invejarmos os outros e suas circunstâncias. Às vezes é tristemente verdadeira a idéia de que o real problema que talvez enfrentemos em chegar ao conhecimento da vontade do Senhor para as nossas vidas é que temos dificuldade em aceitar-nos a nós mesmos. Queremos ser diferentes daquilo que Deus tencionava que fôssemos quando nos criou. Entretanto é na aceitação que está a paz e, portanto, a utilidade benéfica.

A presença de algum dom em nossa vida não significa que temos *direito* de usá-lo. Pode haver boas razões pelas quais o

Doador não queira que o usemos (Ele está mais interessado em produzir graça que dons). Mas, todo o mais estando conforme, devemos esperar que Deus quererá usar tudo que Ele investiu em nossa criação na obra para a qual nos chama. Eis como o expressou John Murray:

> *"Que caminho da vida cada indivíduo deverá seguir com referência a este interesse da vida (isto é, o seu trabalho diário), haverá de ser determinado pelo dom apropriado concedido por Deus, e é isso que indica a vontade de Deus e, portanto, a vocação divina."*[1]

Muitas vezes é nesta conjuntura que vemos que precisamos de conselho e de encorajamento, pois não somos todos igualmente capazes de reconhecer os nossos próprios dons naturais e espirituais. Alguns de nós podem também estar correndo o perigo de enterrá-los. Como o insensato da parábola de Jesus, raciocinamos mais ou menos assim: "Tenho só um dom, diversamente dos meus amigos. Não há vantagem nenhuma em tentar usá-lo. Jamais exercerei grande influência como os meus amigos. Vou simplesmente enterrá-lo". Portanto, ajudar-nos-á consideravelmente partilhar a nossa preocupação com algum cristão mais experiente.

Talvez a sua reação natural seja: "Eu nunca iria perguntar a outros o que pensam dos meus dons desse jeito". Entendo a sua dificuldade. Todavia pode ser que os seus motivos não sejam como deviam. Às vezes o que denominamos "modéstia" é realmente uma mistura de orgulho e falta de

---

[1] John Murray, *Principles of Conduct*, 1957, p. 86.

confiante submissão à vontade de Deus. Se queremos fervorosamente saber qual é a vontade de Deus, desejaremos muito humildemente partilhar nosso interesse com um ou dois amigos cristãos da nossa confiança. Quando estivermos mais velhos, perceberemos que, muitas vezes, o ministro ou presbítero da nossa igreja tinha muito maior consciência dos nossos dons e das nossas possibilidades de prestação de bons serviços do que nós. Seria para você uma pílula amarga demais para engolir, reconhecer que os seus próprios pais podem ter aprendido algo sobre o seu esquema de vida durante os anos em que o criaram? É por isso que o livro de Provérbios nos dá este sábio conselho:

> *"O caminho do tolo é reto aos seus olhos, mas o que dá ouvidos ao conselho é sábio"* – Provérbios 12:15.

Poucos versículos são citados mais freqüentemente com vistas à orientação de Deus do que Isaías 30:21: "Quando te desviares para a direita e quando te desviares para a esquerda, os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: este é o caminho, andai por ele". O que é ignorado com demasiada freqüência é o contexto imediato, que dá a entender que a voz não é a voz do Espírito no íntimo, agindo como leme; é a voz de um dos nossos "mestres" (Isaías 30:20). É por meio do conselho deles que normalmente Deus nos capacita a descobrir a Sua vontade! "Onde não há conselho os projetos saem vãos, mas com a multidão de conselheiros se confirmarão" – ou "terão sucesso" (Provérbios 15:22).

(3) *Considere as necessidades*

Isto também deve ser prioritário para o cristão, pois ele

não vive para si mesmo. Seu trabalho é ao serviço de Deus. Não é apenas um meio de ganhar dinheiro, ou de agradar-se a si próprio. Dado que os seus principais deveres são amar a Deus e amar ao próximo como a si mesmo, ele anteporá a *necessidade* à *recompensa,* quando estiver considerando os possíveis rumos a seguir.

Você já fez a pergunta: que necessidades existem que a minha vida poderia ajudar a satisfazer? Muitas vezes, quando candidatos ao serviço em missões estrangeiras são entrevistados, uma das perguntas que lhes fazem é esta: o que você sabe das necessidades? Há muitas razões para essa indagação. Ela traz à tona a medida em que uma "vocação" é um reflexo do interesse oriundo de Deus. O senso de alguma necessidade premente é, às vezes, uma boa indicação de que o Senhor esteve modelando a direção das nossas vidas para ajudarem a satisfazê-la. Há exceções, é claro (Jonas foi enviado a Nínive quando parecia que ele possuía pouco ou nenhum senso da real necessidade que aquele povo tinha da graça de Deus). Mas *são* exceções. É mais comum Deus agir de acordo com o padrão que Ele usou na experiência de Isaías, que se tornou cônscio das suas necessidades e das do seu povo, e então respondeu: "Eis-me aqui, envia-me a mim".

Nenhum cristão hoje pode evadir-se à necessidade que o mundo tem da mensagem do evangelho. Por certo, muitos cristãos devem inquirir seriamente a Deus se a obra do ministério regular ou a obra de evangelização noutros países é a vontade dEle para as suas vidas. As palavras de R. L. Dabney continuam soando com a força da verdade mais de um século após terem sido escritas:

"Para onde quer que formos, encontraremos mais

comerciantes que fregueses, mais médicos que pacientes, mais advogados que clientes. A sociedade tem bastante dessa gente – até demais. Mas... para levar o evangelho a cada um das centenas de milhões de pagãos do nosso globo, a Igreja precisa de cem vezes mais de ministros. Pois bem, que jovem cristão, qualificado para pregar e que, no espírito do verdadeiro convertido, pergunta, "Senhor, o que queres que eu faça?", poderá em vista destes fatos, dizer que Deus e os homens têm maior necessidade dele no tribunal ou atrás do balcão ou no consultório do médico, do que no púlpito? Se não pode, cuidado! – veja se não está negligenciando o exame, com oração, do dever de pregar, com o risco de colocar-se sob a ira do seu Salvador." [2]

Algumas vezes foi dito, em tempos recentes, que a necessidade do mundo constitui a vocação. É um grande erro. Erro do qual R. L. Dabney se protege com muito cuidado com essas palavras. Não há prova de que foi esse o princípio dominante dos ensinos dos apóstolos; tampouco o foi em qualquer período da vida da Igreja. Ter cristãos dedicados ao ministério de tempo integral ou à obra de evangelização no estrangeiro, não vocacionados nem dotados para isso, seria trágico. No entanto, *muito mais cristãos deveriam fitar seu Salvador, olhando-O no rosto, e dizer-Lhe: "Eis-me aqui, envia-me a mim". Contamos com muito poucos que estão dispostos a pôr em prática a sua profissão de fé e deixar tudo por amor a Cristo.* É grande a

---

[2] R. L. Dabney, *Discussions Evangelical and Theological* (edição da Banner of Truth), vol. 2, 1967, p. 41.

necessidade da Igreja e do mundo. Não podemos permitir-nos fechar os olhos para esse fato.

Também pode haver necessidades domésticas que contribuem para prender-nos à vontade de Deus. Nossa imediata situação familiar pode circunscrever as nossas vidas. Há deveres que Deus nos obriga a tratar como nossos interesses primordiais. Honrar pai e mãe, visitar os órfãos e as viúvas – podem limitar grandemente os lugares aonde poderemos ir e o que podemos realizar na vida. Segundo Paulo, as nossas responsabilidades se estendem aos nossos avós também. Se Deus nos chama para tal ministério de amor e misericórdia, devemos pedir-Lhe que sele em nossas consciências a certeza de que estar no centro da Sua vontade, por mais terrenal e penoso que pareça, é estar no mais seguro e, finalmente, no mais feliz lugar do mundo.

Devemos aprender a ter visão a longo prazo. Um dos meus colegas mais bem dotados contou-me uma vez como descobrira que seu pai, quando jovem, se preparara para ir à China como missionário. Seu pai morrera de repente, e lhe foi absolutamente necessário permanecer em casa. Dedicou toda a sua vida a um trabalho secular que talvez tenha parecido mundano ao filho, que nada soube do segredo do pai, por muitos anos. Mas o que outros puderam ver foram os extraordinários dons que o pai rogara ao céu para o seu filho. Deus esteve pondo em ação o Seu propósito na vida do filho de um modo que provavelmente teria sido impossível, se o pai tivesse se tornado missionário. A história poderia ser recontada, com seus paralelos ocorridos muitas vezes, em muitas vidas. Não vivemos nem morremos para nós mesmos, porém para o Senhor e Sua vontade. Ele sabe o que faz. Se,

aparentemente, Ele limita as possibilidades para nossas vidas, limitando-as ao puramente terreno, podemos confiar nEle. Se formos fiéis naquilo que julgamos ser menos importante, Ele não será nosso devedor.

Por vezes haverá conflitos de interesses e de lealdades. Lembro-me de uma carta muito triste, que li num jornal vespertino e que ilustra essa verdade. Foi escrita pela mãe de uma jovem que estava para deixar o lar como missionária. Não havia quem dissesse à sua filha que ela ia desperdiçar a sua vida? Acaso a mãe não tinha feito tudo por ela – e era esta a recompensa que recebia? Como é penoso sair de casa! Mais penoso ainda quando a nossa vocação causa ressentimento! Mas isso pode acontecer, e acontece. Estamos verdadeiramente dentro da vontade do Senhor? Estamos seguindo as Suas ordens ou estamos, quem sabe, fugindo da Sua vontade porque mesmo em terras além-mar a vida poderia acabar sendo mais fácil que com as pessoas entre as quais Deus nos colocou? Os que voltam com alegria, havendo feito a colheita, podem muito bem ser pessoas que partiram com doloroso pranto, anteposto a um cenário desse tipo. A vontade do Senhor quanto aos pecadores que habitam um mundo pecaminoso, nem sempre será reta e plana. Não se recebe garantia de que será fácil. Em última análise, será sempre custosa.

(4) *Considere os seus desejos pessoais*

> *"Deleita-te também no Senhor, e ele te concederá o que deseja o teu coração."* – Salmo 37:4

Tens visto de antemão
se os desejos do teu coração
se baseiam no que Ele ordena?

Não obstante, muitos cristãos conservam uma suspeita profundamente arraigada de Deus e do Seu desejo de abençoar-nos. Desde a ocasião da Queda, há algo escrito no coração pecaminoso que considera Deus menos que benevolente, menos que generoso e espontaneamente amoroso para com os Seus filhos.

Noutras palavras, a sutil insinuação da serpente no Jardim do Éden foi: "Certamente Deus cercou a vida de vocês com todas estas restrições mesquinhas". Teríamos receio de acreditar na Palavra de Deus quando nos assegura: "ele te concederá o que deseja o teu coração"? Quantas vezes somos como o homem de um só talento que disse ao seu senhor: "Eu conhecia-te, que és um homem duro... e atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu" (Mateus 25:24-25)! Não cremos realmente que Deus tem um amoroso propósito a nosso respeito.

Não conheceremos nem desfrutaremos a vontade de Deus, como tampouco a acharemos boa, perfeita e agradável, enquanto não obtivermos um verdadeiro conceito de Deus e do Seu pendor paternal para conosco. De novo, eis como John Murray o coloca:

> *"Não há conflito entre a satisfação do desejo do homem e o enaltecimento do seu prazer, por um lado, e o cumprimento da ordem de Deus, por outro ... A tensão muitas vezes existente dentro de nós, entre o senso de*

dever e a espontaneidade sincera, é uma tensão que surge do pecado e de uma vontade desobediente. Essa tensão não teria invadido o coração do homem, se ele não tivesse caído. E as operações da graça salvadora são dirigidas ao objetivo de remover a tensão de modo que haja, como acontecia com o homem no princípio, a perfeita complementação mútua do dever e do prazer, do mandamento e do amor." [3]

Os nossos desejos em si mesmos não são confiáveis. Mas, ao mesmo tempo, tomados juntamente com outras considerações, podem indicar-nos a direção do serviço para o qual Deus nos criou. Isso é verdade, por exemplo, com respeito à vocação para o serviço cristão. Por extensão, é verdade também com relação a toda esfera em que procuramos honrar a Cristo.

Conseqüentemente, o Novo Testamento pode falar dos homens nestes termos: "Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja" (1Timóteo 3:1). O verbo empregado por Paulo *(orego)* significa "esforçar-se para alcançar"; "aspirar a" alguma coisa. Esse desejo, Paulo está dizendo, não é pecaminoso ou ilegítimo. Não é necessariamente orgulhoso e egocêntrico. Pode muito bem provir de Deus e, neste caso, deve ser reconhecido como um dom procedente dele.

Se certa esfera de trabalho e serviço é a vontade de Deus para nós, devemos esperar que, de modo semelhante, alguma medida de aspiração por ela se desenvolverá em nossos corações. Pode levar algum tempo para emergir em nosso

---

[3] Op. Cit., p. 39.

pensamento consciente, e mais tempo ainda para dar-nos conta de que esta é realmente a vontade de Deus. Naturalmente, temos que pedir-Lhe que nos livre de toda motivação impura. Contudo, se estivermos completamente faltos de motivação, sendo indiferentes a toda e qualquer esfera de serviço, sem nos importar se *isto* ou *aquilo* estará glorificando mais a Deus em nossas vidas, é improvável que a vontade de Deus signifique algo vital para nós.

Defrontamo-nos com uma momentosa decisão quando nos dedicamos a uma carreira, à vocação da nossa vida. Pela misericórdia de Deus, não sabemos a plena extensão da decisão que estamos tomando. Quando, mais tarde, fizermos um exame retrospectivo, talvez confessemos que, se tivéssemos sabido como tudo seria, teríamos ficado paralisados de medo, e não teríamos feito nada. Mas Deus prometeu graça suficiente para as nossas necessidades. Ele guardará os Seus filhos em suas decisões. Não deixará vacilar os seus pés. Ele ama os Seus filhos; ama a obediência deles. Ele fará prosperar a obra das suas mãos.

Considere os seus dons.
Considere as necessidades.
Considere os seus desejos e interesses, já firmados em seu coração.

Reconheçe-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas. – Provérbios 3:6

7

CASAMENTO?

Já chegou o dia para você, como chegou para a maioria de nós, quando uma das perguntas acerca da vontade de Deus que pesa mais em sua mente é: será que o Senhor quer que eu me case? Os homens e as mulheres assumem diferentes atitudes e abordagens quanto a essa questão. É assim devido às diferenças distintivas que Deus implantou no homem e na mulher, mas também devido a diferentes necessidades, desejos, circunstâncias e educação entre os elementos do mesmo sexo. Todavia, evidentemente existe uma coisa tão fundamental acerca da relação única envolvida no casamento, que é bem provável que cada cristão a tomará em consideração nalgum estágio da vida.

Muitos de nós temos alguns amigos chegados que ainda não se casaram, e talvez nunca cheguem a casar-se. O tempo dirá. Mas, por que se mantiveram no estado de solteiros? São pessoas simpáticas, espirituais, dotadas de personalidade e traços atraentes e, contudo, ficam sem se casar! Por que será?

Nem sempre sabemos quais propostas foram feitas ou recebidas e rejeitadas. Talvez haja esperanças frustradas nalguns corações. Entretanto uma coisa é certa para o obediente filho de Deus. Sendo esta a vontade de Deus, deve-se procurar manter o estado de solteiro. Por isso nossos amigos solteiros, que talvez tiveram uma ou mais oportunidades de

casar-se, permanecem solteiros como cristãos obedientes. Acreditam que foi isso que o Senhor planejou.

Mas isso não é menos verdade quanto aos que se casam. Uma das grandes alegrias decorrentes da participação na comunidade cristã consiste em compartir a satisfação daqueles que deram seu coração um ao outro por verem nisso o caminho da obediência ao Senhor. O comovente é a descoberta de que as nossas aspirações naturais e a vontade de Deus se encontram harmoniosamente nesse ponto!

Então, como devemos avaliar a nossa própria situação? Como saber o que Deus quer para nós? Já vimos que o meio normal pelo qual Deus dirige o Seu povo é a aplicação de princípios bíblicos às circunstâncias pessoais. Pode ser que, ao ler estas páginas, você já esteja perdidamente enamorado por alguém. Eis aí uma circunstância e tanto! Em parte, é também uma condição biológica. Não é em si mesma um princípio bíblico, e sua tarefa imediata é ver como se aplicam a essa circunstância e aos seus sentimentos naturais os grandes princípios da Palavra de Deus.

Particularmente dois princípios trarão estabilidade aos que estão fazendo penetrantes indagações nesta área. Este capítulo é escrito com tais pessoas em mente. Mas é um exercício saudável para os mais velhos e já bem inseridos na vida de casados, recordar os princípios em que se baseia a nossa mais importante relação de amizade. Os dois princípios são estes:

1. Seja realista em suas expectativas.
2. Seja bíblico em sua preparação.

Faremos breve exame do primeiro princípio, e examinaremos o segundo mais extensamente.

1. *Seja realista em suas expectativas*

Há diversos níveis em que este é um bom conselho. Devemos, por exemplo, lembrar-nos de que os anjos não se casam nem se dão em casamento (Mateus 22:30). Somos criaturas decaídas, maculadas em todas as áreas das nossas vidas, mental, espiritual e fisicamente, pelos efeitos da Queda. O casamento, e o processo de chegar a ele, não é o céu! É o *enlace* de dois pecadores necessitados, visando a um companheirismo que os enriquece substancialmente mais do que se cada um deles continuasse sozinho. O casamento não solucionará todos os nossos problemas. Pode mostrar-nos, por meio da intensa intimidade do relacionamento matrimonial, problemas que não sabíamos que tínhamos. O nosso cônjuge não se tornará perfeito simplesmente pelo ato de casar-se! Tampouco devemos cometer o engano de imaginar que o casamento nos dará a satisfação máxima pela qual todos ansiamos. Supor isso far-nos-á réus de blasfêmia. Somente Deus satisfaz o coração faminto. O casamento é apenas um dos canais de que Ele Se utiliza para habilitar-nos a provar quão satisfatória pode ser a Sua graça, que de fato dessedenta o sedento.

Além disso, devemos reconhecer que o namoro não será necessariamente um processo tranqüilo apenas porque somos cristãos. Alguns dos mais duros namoros resultam nos casamentos mais felizes e mais frutuosos. Seria tolo o cristão que quisesse esteriotipar o mistério de duas pessoas jovens (ou idosas) achando que somente juntas elas poderiam estar plenamente dentro da vontade de Deus. Às vezes pode até ser que as dificuldades pareçam aumentar porque no caso dos cristãos o namoro tem uma dimensão espiritual, uma luta com

a vontade de Deus, totalmente ausente no caso dos incrédulos. Além disso, se um companheirismo há de revelar-se frutífero no futuro, podemos estar certos de que o diabo fará tudo para prejudicá-lo ou destrui-lo nos seus primeiros estágios.

Ainda mais, não devemos esperar que os cristãos seguirão o mesmo caminho até ao dia do seu casamento. As Escrituras nos oferecem suficiente número de ilustrações para indicar que haverá grande diversidade nisso. Nem todos serão como Isaque, que encontrou sua esposa em meio às suas devoções vespertinas! (Ver Gênesis 24:63s.) Também nem todo namoro seguirá o modelo tempestuoso dos amorosos noivo e noiva de Cantares de Salomão. É paradoxal que *esse* namoro seja visto como uma alegoria do casamento de Cristo e Sua Igreja por alguns que fixam para o namoro cristão o modelo de uma experiência extremamente tranqüila! "Não se perturbe com isso", é o lema deles! Mas para alguns, descobrir uma profunda e permanente necessidade do companheirismo doutra pessoa pode ser uma das experiências mais traumáticas da vida. Nesse período, todos os tipos de idéias que temos a respeito de nós mesmos podem alterar-se dramaticamente. O processo de chegarmos a ver-nos e ao nosso futuro sob novas luzes é muitas vezes uma coisa por demais perturbadora.

Outra dimensão do realismo de que estamos falando pode ser expressa da seguinte maneira: se havemos de casar-nos, só Deus pode levar-nos à pessoa que devemos desposar. Se, uma vez casados, pudermos olhar para trás e ver as complicações envolvidas no processo de juntar duas pessoas tão diferentes como nós, ficaremos espantados a perguntar-nos por que não confiamos mais completamente em nosso Pai Celeste. Se tudo, incluindo-se o dia do nosso nascimento, a natureza da nossa

formação, as circunstâncias das nossas vidas e mil e um outros pormenores, mais tarde se vê que esteve sob o controle soberano de Deus, certamente podemos ser realistas de antemão, e confiar nEle com a certeza de que Ele sempre sabe o que é melhor. *Seja realista em sua vida cristã!*

2. ***Seja bíblico em sua preparação***

Nenhum livro sobre casamento lhe dará um cônjuge. Um capítulo como este, num livro sobre a direção de Deus para as nossas vidas, não reduzirá em nenhum grau a necessidade que você tem de passar pela experiência de descobrir a vontade de Deus para a sua própria vida. É preciso dar ênfase a este ponto. O próprio fato de você estar lendo um livro sobre orientação pode indicar que sente necessidade dessa orientação em certas áreas da sua vida. Você faz indagações e busca respostas. Entretanto nenhum livro sobre orientação em toda a terra poderá responder suas perguntas do modo como você gostaria de vê-las respondidas. A única coisa que os outros podem oferecer-lhe é a sabedoria da Bíblia e a experimental segurança da sua veracidade e da sua fidedignidade. Isso você tem que descobrir por si mesmo. Mas há entesourados nas Escrituras princípios que lhe darão estabilidade, segurança e sabedoria quando você ponderar a perspectiva ou possibilidade do seu casamento. *Quais são esses princípios?* Vamos tratar de cinco deles, e estes podem ser colocados na forma de perguntas que podem ser usadas para ajudar-nos a discernir a vontade do Senhor.

1. ***Para que serve o casamento?***

Facilmente deixamos de lado esta questão fundamental.

Todavia, costumamos levantá-la em quase todas as outras esferas da vida. Somente quando fizermos uma apreciação do propósito do relacionamento matrimonial é que teremos a probabilidade de discernir a vontade de Deus com respeito a casos particulares. Semelhantemente, quando virmos esse propósito, reconheceremos imediatamente que são bem poucas as pessoas, mesmo dentre os nossos melhores amigos, aquelas com as quais seria possível cumprir esse propósito.

Originariamente, o casamento foi dado por Deus porque Ele estava interessado em eliminar a solidão do homem no mundo (Gênesis 2:18). Nenhum dos membros do reino animal foi capaz de suprir o companheirismo especial que o homem necessitava (Gênesis 2:20). Assim foi que Deus formou a primeira mulher, para prover *companhia* para Adão. Num sentido, foi simples e nada complicado desse jeito. Os vigorosos impulsos sexuais presentes na relação de homem e mulher não são vistos nas Escrituras como o fundamento do matrimônio, e sim a sua consumação e expressão física. O casamento visa, primeiro e acima de tudo, proporcionar o que o nosso linguajar contemporâneo chama de companheirismo.

Quando se leva isso em consideração, surge uma série de indagações que se tornam particularmente importantes quando penso no casamento: será que a minha namorada (ou namorado) é o tipo de pessoa a quem eu posso oferecer esse companheirismo e de quem poderei recebê-lo? Somos realmente compatíveis um com o outro nesse nível? No nível mais fundamental, inevitavelmente, devo fazer indagações acerca do vigor recíproco dos nossos interesses e preocupações espirituais. Noutros níveis, porém, devo perguntar se os interesses que temos em comum, gostos, formação,

experiências, perspectivas gerais, são tais que encontrarão enriquecimento nos pontos em que temos base comum e nos pontos em que as nossas predisposições são muito diferentes. Misturando-se alguns elementos químicos no laboratório, pode-se formar um novo e valioso composto. Por outro lado, a reação dos elementos misturados poderá provocar uma explosão! O casamento cristão é uma dádiva de Deus, com vistas à criação de uma nova espécie de companheirismo, uma entidade mais criadora do que seria possível doutro modo.

Estaria eu me preparando para ser um companheiro assim? A pessoa por quem me sinto atraído no momento ajusta-se a mim, e eu a ela, dessa maneira?

2. ***O que devo procurar num esposo ou esposa?***

As Escrituras nos dão importante ajuda, habilitando-nos a discernir as diferentes expectativas do homem e da mulher em sua busca de um parceiro matrimonial. Hoje a nossa sociedade diluiu essas distinções bíblicas. Ela pôs por terra o ensino bíblico de que essas diferenças fazem parte de nós por criação. As grandes ênfases das Escrituras precisam ser repetidas constantemente. Os homens e as mulheres são diferentes, não como resultado de pressões sociológicas, nem devido a acidentes da evolução. São diferentes porque Deus os fez assim. " ... *homem e mulher os criou"* (Gênesis 1:27).

Visto que existem essas diferenças fundamentais nas dimensões físicas, inclinações mentais e formas de abordagem das situações, forças e necessidades, os homens e as mulheres em geral buscam coisas diferentes no casamento. As Escrituras reconhecem isso.

Quando Rute foi a Boaz esperando que este a desposasse,

ela expressou o seu desejo nestes termos: "Estende ... tua aba sobre a tua serva" (Rute 3:9). A palavra traduzida por "aba" significa "asa". Significativamente, é a mesma palavra que Boaz havia empregado quando falara com Rute: "O Senhor galardoe o teu feito; e seja cumprido o teu galardão do Senhor Deus de Israel, sob cujas *asas* te vieste abrigar" (Rute 2:12). Tendo achado proteção sob as asas de Deus, agora busca proteção sob as de Boaz!

Num casamento cristão, sempre haverá um elemento disso. Não quer dizer que, necessariamente, uma senhorita é sempre pobre, fraca e incapaz de defender-se! Mas dá a entender que, no relacionamento matrimonial, a mulher sentirá as necessidades, as fraquezas e o desejo da protetora companhia do seu marido como nunca sentira antes de casar-se. Porventura não é significativo que Rute já fora casada? Agora estava sem as "asas" de um marido que a protegesse.

Portanto, quando refletir sobre o casamento, terei em mente esses pensamentos enquanto procuro o melhor que Deus tem para mim. Será este o tipo de homem que me dará companhia protetora quando áreas da minha necessidade ficarem expostas pela experiência da vida conjugal? Será esta a jovem por quem eu daria a própria vida para protegê-la de qualquer mal ou perigo? O heroísmo romântico é apenas um pálido reflexo do casamento cristão!

A narrativa da criação acentua outro aspecto disso. Deus quis dar ao homem uma *ajudadora.* A palavra parece transmitir a idéia de alguém ajustado ao homem, em quem ele se reconhece a si próprio. Esse entendimento é profundo. Reflete as descobertas que muitos cristãos fazem no casamento. O homem se descobrirá a si mesmo, e se elevará a uma nova

estatura mediante o companheirismo e a ajuda da mulher que ele ama.

Isso, por mais que se force a imaginação, não implica falta de crescimento dos solteiros. Insinuar isso seria impugnar a humanidade *perfeita* de Jesus. Solteiros e solteiras não são defeituosos! O único ponto visado aqui é que o casamento cria uma nova dimensão *nos que se casam.* Traz à luz o seu potencial pleno de um modo que nenhuma outra coisa pode fazer.

Seria isso que, até certo ponto, me sucede com a jovem com quem penso me casar? Vejo eu, de novo nalguma medida, que o moço de quem já me aproximei tanto, está *crescendo* por meio do nosso relacionamento? Ou, devido a este, ele está indo para trás?

3. *Como cumprimos os diferentes papéis de marido e mulher?*

Quando Paulo se pronuncia sobre a doutrina do matrimônio em Efésios 5:21-33, ele o faz com base num princípio universal. Os cristãos devem exercitar mútua submissão devido à sua reverência a Cristo.

Existe submissão mútua no casamento, pois, submissão mútua significa, neste contexto, render-se cada um aos melhores interesses do outro. Note-se, porém, que *a aplicação que Paulo faz desse princípio é diferente para os maridos e para as mulheres.* O papel da mulher é submeter-se ao seu marido como o cabeça da sua vida. Por sua vez, isso é diferente da submissão mútua geral mencionada por Paulo no versículo anterior. É uma submissão específica à autoridade dada por Deus (não uma supressão dos direitos gerais de um a favor de outrem). A

mulher fará isso por reverência a Cristo, porquanto Ele constituiu a vida familiar desse modo. Assim como todos os cristãos devem submeter-se a Cristo como seu chefe e cabeça, as mulheres dão uma ilustração disso em seu relacionamento com os seus maridos.

Por outro lado, o marido também deve ter consideração por sua esposa. Deve amá-la e cuidar dela; deve sacrificar-se por ela, como Cristo se sacrificou por Sua esposa, a Igreja. Tanto uma tarefa como a outra exigem uma vida de sacrifício. Ambas estão arraigadas no princípio da obediência a Cristo como Senhor.

Sem este equilíbrio, os cônjuges ficam desunidos. O lar precisa de liderança e de uma fonte a que recorrer para a sua autoridade. Um marido sem a amorosa submissão da sua esposa ver-se-á chefe de um lar infeliz. A mulher que não é amada com amor sacrificial e abnegado, ou perderá sua personalidade ou se embrutecerá.

Pois bem, a questão fundamental é: seria este o tipo de homem ou mulher por quem eu tenho o respeito que é o alicerce do amor? Posso respeitar este homem tão completamente que eu gostaria de ser uma esposa assim, com a ajuda de Deus? É este o tipo de mulher a quem eu poderia oferecer amor semelhante ao de Cristo, com a ajuda de Deus? São estes os meus motivos?

4. *Qual é a natureza do casamento?*

Não estou apenas contemplando um novo relacionamento com alguém; estou cogitando uma nova condição para ambos nós. O que estaria envolvido neste novo estado?

O Senhor Jesus Cristo gravou Sua autoridade nas palavras

de Gênesis 2:24, com relação a este assunto: "Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne" (ver Marcos 10:7). Resumem-se desse modo três características do estado conjugal. *É exclusivo.* O homem desiste do seu estado anterior no lar, e *deixa* os seus pais. Concomitantemente, isso pode significar que devemos pensar com muita seriedade antes de casar-nos, quando não estivermos em condições de deixar os nossos pais. Na melhor das hipóteses, morar com parentes deve ser um recurso temporário! Mais importante é o elemento implícito nestas palavras, segundo o qual o nosso estado com relação aos nossos pais sofre mudança. Conquanto continuemos a honrá-los de acordo com o mandamento de Deus, o nosso cônjuge tem prioridade agora.

O casamento não é somente um relacionamento exclusivo. *É permanente.* O homem está unido à sua mulher. Está "apegado" a ela. O casamento é um compromisso para a vida inteira. Requer compromisso da mente, da vontade, dos afetos, de tudo! Essa é a razão por que o casamento é uma ilustração tão poderosa da conversão a Cristo (Efésios 5:32).

O casamento, como já vimos, é também um relacionamento de grande *criatividade.* Os dois tornam-se um! O que poderia ser mais misterioso? Contudo, neste caso, dois tornam-se um não por divisão, mas por multiplicação. Quando Gênesis afirma que Deus fez a mulher para o homem, o verbo empregado é o que se costumava empregar para referir-se à construção de uma casa. Alguns dos mestres judeus acreditavam que isso tinha algo a ver com a forma da mulher. Como mudam as idéias do que é belo! Evidentemente, o que se quer dizer é que a mulher se tornou o *lar* para o homem; ela, vivendo sob

sua proteção; ele, permanecendo no amor e receptividade dela. Casamento é isso.

Mas é esse o casamento que sonhamos? De novo descobrimos que há sempre um elemento de *consagração da nossa vontade* na direção dada por Deus, como também *um descobrimento e uma compreensão da Sua vontade.*

Talvez você tenha uma amizade muito especial. Contudo seria *ela* capaz de demonstrar essa qualidade de devoção e compromisso? *Você* estaria apto para essa espécie de consagração dentro dessa relação?

5. ***Qual é o objetivo principal do casamento?***

Quando Deus fez o "homem", Ele fez homem e mulher, à Sua imagem (Gênesis 1:27). É impossível ser dogmático quanto ao significado preciso dessas palavras. Mas elas parecem conter a idéia de que é homem-e-mulher, não meramente a humanidade, que reflete a imagem de Deus. Aqui, no relacionamento matrimonial, pode existir um fraco, porém real, reflexo da comunidade social presente no Ser divino como Pai, Filho e Espírito Santo.

O objetivo principal do casamento é refletir a imagem de Deus; refletir a glória da Sua graça e do Seu Ser. Significa que *o casamento nunca pode ser um fim em si mesmo.* Seu propósito é maior do que o seu próprio cumprimento.

Quando duas pessoas se unem no Senhor, deve-se ver algo da glória de Deus. O amor do Pai por Seu Filho; o amor do Filho por Seu Pai; o amor do Espírito pelo Pai e pelo Filho – devem ser em algum grau sentidos e experimentados num casamento cristão. Se a graça de Deus está presente nele, então nele haverá também um toque de glória. Deus demonstrou

rnais claramente a Sua glória no sacrifício do Seu Filho. Assim também o casamento demonstra a glória de Deus quando em seu cerne há um espírito de amor abnegado e sacrificial.

Seria esse o meu objetivo? Seria nosso objetivo, quando pensamos na vida a dois? Será que pressentimos que Deus tornará isso possível? Os outros reconhecem que o nosso relacionamento tem algo da imagem e da glória de Deus? Podemos orar como Temple Gairdner orou antes do seu casamento:

> *"Para que eu possa ficar mais perto dela, atrai-me, Senhor, para mais perto de Ti que dela; para que eu possa conhecê-la, faze-me conhecer-Te mais que a ela; para que eu possa amá-la com o perfeito amor de um coração perfeitamente íntegro e sincero, faze-me amar-Te mais que a ela, e acima de tudo o mais."*

A capacidade de orar dessa maneira poderá ser o mais claro sinal de que Deus planejou e fará acontecer o que esperamos.

Como, pois, reagir a essas questões? Elas deveriam nos ajudar a aclarar nossas mentes acerca de muitos assuntos vitais. Elas podem refrear relacionamentos que doutro modo teríamos iniciado ou continuado. Mas, em última análise, são apenas ajudas, pontos de apoio, testes, pelos quais podemos discernir a vontade do Senhor. Não nos trarão a dádiva do matrimônio. Essa dádiva só se pode obter do próprio Senhor. A Ele devemos pedi-la, submissos à Sua vontade. Em Sua Palavra devemos buscar a sabedoria de que todos necessitamos para discernir o propósito da Sua graça. Pela fervente oração de um coração humilde e temente a Deus, e pela coerente e firme aplicação da Sua verdade às nossas circunstâncias, Ele não permitirá que o nosso pé vacile. Ele nos guardará (Salmo 121:3).

8

ESPERE PELO SENHOR

Quando você apanhou este livro e começou a lê-lo, talvez estivesse interessado de modo vago no tema do conhecimento da vontade de Deus. Este é um assunto que interessa a todo cristão. Por outro lado, talvez foi atraído a estas páginas por ter uma específica necessidade de orientação. Você está querendo saber o que deve fazer *agora.* Sua esperança foi que, enquanto lesse, o seu problema seria resolvido. Na verdade, isso pode ter acontecido! Mas é possível que não. Você realmente esperava mais, embora concordasse não haver livro no mundo que possa lhe garantir as respostas que procura. Talvez esteja um tanto desapontado. Que poderá fazer agora?

Com muita freqüência, os que se acham frente a dificuldades sobre a vontade do Senhor são aconselhados a lerem certos opúsculos, ou recebem conselho provindo de outros. Às vezes respondem: "Eu o li" ou "Eu sei disso", e acrescentam, "mas de nada me valeu". Poucas respostas reduzem tão brutalmente os pretensos conselheiros às proporções certas, especialmente se eles próprios encontraram grande auxílio no livro ou no sábio conselho. Todavia os conselheiros sensatos também escutarão os toques dos sinos de advertência quando reagimos dessa maneira. Quase invariavelmente, esse tipo de resposta parece dizer: "Meus problemas, minhas necessidades, meus dons e minhas

circunstâncias são por demais complexos, demasiado incomuns para *esse tipo* de conselho". Jamais será bom sinal para o cristão estar convicto de que tem um problema que ninguém mais pode ter ou compreender plenamente. Para tais pessoas, há uma palavra final de aconselhamento bíblico. Tem uma aplicação ampla e relevante para cada cristão que anela conhecer a vontade de Deus. A palavra é: ESPERE! Espere pelo Senhor!

O livro de Lamentações dá-nos um exemplo desse princípio. No contexto de uma experiência de sofrimento, tristeza e dificuldade, há palavras que podem ser aplicadas toda vez que o desenrolar dos propósitos de Deus parece protelar-se:

> *"Bom é o Senhor para os que se atêm a ele, para a alma que o busca.*
> *Bom é ter esperança, e aguardar em silêncio a salvação do Senhor.*
> *Bom é para o homem suportar o jugo na sua mocidade;*
> *assentar-se solitário, e ficar em silêncio; porquanto Deus o pôs sobre ele.*
> *Ponha a sua boca no pó; talvez assim haja esperança.*
> *Dê a sua face ao que o fere; farte-se de afronta.*
> *Porque o Senhor não rejeitará para sempre.*
> *Pois, ainda que entristeça a alguém, usará de compaixão segundo a grandeza das suas misericórdias.*
> *Porque não aflige nem entristece de bom grado aos filhos dos homens."* – Lamentações 3:25-33

Vemos aí uma abundância de lições. São lições que devem

ser aprendidas na mocidade, é o que se nos diz. Então, alguma coisa tem que ser rompida em nós para que, como Jacó, após o encontro com Deus, andemos com as marcas da submissão a Deus pelo resto de nossas vidas (Gênesis 32:22-32). Se a *impaciência* não foi subjugada ainda, poderá permanecer como um animal selvagem em nossos corações, até que nunca mais poderá ser proveitosamente domada. Que estranho paradoxo é que o Senhor não nos aflige propositalmente e, todavia, realiza uma obra por meio da nossa "desgraça" – o nosso ato de enterrar a cabeça na areia – que não poderia ser feita doutro modo. Às vezes, quando a vontade do Senhor não está clara para nós, há um elemento desse propósito divino no domínio de Deus sobre os nossos assuntos. Faz parte da Sua obra, fazer com que todas as coisas cooperem juntamente para o bem dos que têm em seus corações um genuíno amor por Ele e por Seu reino (Romanos 8:28).

As citadas palavras de Lamentações poderiam facilmente ter sido escritas por José, pois foi desse modo que Deus tratou com ele. Ele era um jovem dotado de capacidades extraordinárias, destinado a ser grandemente usado por Deus. Mas a impaciência teria sido a sua ruína, se Deus não Se pusesse a lidar com o seu caráter num nível profundo e muito doloroso. Através de todas as vicissitudes da sua vida no Egito, ele aprendeu a esperar em silêncio pelo Senhor. A impaciência foi eliminada. Ele se dispôs a esperar.

O vocabulário bíblico para esperar em Deus é muito rico e farto. Transmite vários matizes das disciplinas espirituais envolvidas no descobrimento dos propósitos de Deus em nossas vidas.

Devemos esperar no Senhor *no sentido de ficarmos em silêncio*

diante dEle. Assim o salmista testifica, no Salmo 62:1,5:

> *"A minha alma espera somente em Deus; dele vem a minha salvação.*
> *Ó minha alma, espera somente em Deus, porque dele vem a minha esperança".*

A palavra traduzida duas vezes por "espera" significa de fato "estar em silêncio". Daí a tradução de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil: "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa" (versículos 1 a 5). É o reconhecimento de que nos falta sabedoria, e que somos totalmente dependentes de Deus para obtê-la, que está sendo expresso. O esperar em Deus, neste sentido, está no âmago da experiência do cristão. Não podemos ser cristãos, nem podemos confessar, "dele vem a minha salvação", sem aprendermos a manter-nos nesse temente silêncio diante de Deus.

Ninguém o expressou mais categoricamente que o Dr. D. M. Lloyd-Jones em sua exposição do argumento de Paulo de que, devido ao pecado, toda boca deve manter-se fechada e todo o mundo se considere culpado perante Deus (Romanos 3:19):

> *"Como saber se um homem é cristão? A resposta é que sua boca está "fechada". É assim a franqueza do evangelho. As pessoas precisam ter a boca fechada, "detida". Elas vivem falando de Deus, criticando Deus e pontificando sobre o que Deus devia fazer e não fazer, e perguntando: "Por que Deus permite isso e aquilo?" Você só começará a ser cristão depois que fechar sua*

boca, depois de sustá-la e de ficar sem fala, sem ter o que dizer." [1]

Esse não é um espírito que descartamos à medida que crescemos na graça. É um princípio permanente. Somos sempre pecadores diante de um Deus santo; pecadores finitos diante da glória infinita e eterna de Deus. Quem somos nós para contestar a Deus? (Romanos 9:20). Procuremos ter a humildade de permanecer em silêncio diante dEle. *"Calai-vos, e esperai pelo Senhor!"* Essa é também a mensagem que Lamentações 3:25-33 dirige a nós.

Também devemos esperar em Deus *num sentido de confiança.* O Salmo 37:7 nos ensina:

> *"Descansa no Senhor, e espera nele; não te indignes por causa daquele que prospera em seu caminho, por causa do homem que executa astutos intentos".*

O contexto é o do aparente sucesso do mal e do relativo fracasso e pobreza do bem. Não vemos a evidente bem-aventurança em confiar que Deus nos revele a Sua vontade. Vemos outros que, distantes dos caminhos de Deus, têm sucesso. Então começamos a desgostar-nos. Ficamos aflitos. Ficamos impacientes. Se não tomarmos as coisas em nossas próprias mãos, a prosperidade que buscamos (e cremos que Deus prometeu) escapará de nós – é como raciocinamos!

Mas o conselho de Deus é: espere! Não se irrite! Assim

---

[1] D. M. Lloyd-Jones, *Romans* "Atonement and Justification", 1979, p. 19.

continua o salmista:

> *"Deixa a ira, e abandona o furor; não te indignes para fazer o mal. Porque os malfeitores serão desarraigados;* ***mas aqueles que esperam no Senhor*** *herdarão a terra".*

Conseqüentemente, devemos esperar no Senhor *com espírito de expectativa.* Falamos coloquialmente do período em que a quase mãe está levando o seu filhinho em gestação e aguardando o nascimento do pequenino, como os meses em que ela está "esperando" o seu bebê. Nem sempre é um período fácil; pode haver desconforto, mal-estar e alguma ansiedade. Às vezes é mais cansativo esperar o bebê que tomar conta dele! Contudo, a espera vem embebida num espírito de antecipação. Assim é com o filho de Deus à espera da vontade do Pai.

A palavra traduzida por "espera" no Salmo 37:7, originariamente parece que trazia a idéia de entrelaçar ou retorcer. Dá o sentido da intensidade que pode estar envolvida nesta espera em Deus. Não é uma tranqüilidade passiva, de maneira alguma. Significa *estar na luta.* Esperar em Deus, ficar em silêncio diante dEle, pode envolver uma prolongada batalha contra o mundo, a carne e o diabo!

São estas, pois, algumas das características da espera em Deus. Ficará óbvio que elas entram em conflito com muitas das nossas aspirações e disposições naturais. Portanto, pode ser útil expor abertamente algumas das reais dificuldades que temos ao entrar no descanso da fé para o qual somos convidados por Deus.

Nossas Dificuldades

(1) Relutamos em aceitar nossa condição de *peregrinos* neste mundo. Deus colocou em nossos corações o desejo de uma cidade que tem fundamentos duradouros (Hebreus 11:10). Mas temos uma predisposição pecaminosa para fincar raízes na cidade do mundo, e não na cidade de Deus. Por essa razão, temos a tendência de querer *neste mundo* a segurança e a liberdade impróprias para os que nele são estrangeiros e estão, por assim dizer, trabalhando com um visto temporário. *Não saber* é uma das maiores inquietações da vida. É particularmente angustiante quando, por exemplo, estamos esperando os resultados dos exames médicos ou do tratamento a que nos submetemos. O mesmo espírito inevitavelmente se derramará sobre a nossa experiência cristã geral. Vemos que o fardo da espera sem saber o que virá pesa mais do que podemos agüentar. Às vezes, como resultado disso, ansiosamente procuramos forçar a mão de Deus, no que nos tornamos parecidos com os israelitas, que persistentemente reagiam contra a vida de peregrinos:

> *"Cedo, porém, se esqueceram das suas obras; não esperaram o seu conselho,*
> *Mas deixaram-se levar da cobiça no deserto, e tentaram a Deus na solidão.*
> *E ele satisfez-lhes o desejo, mas fez definhar as suas almas."* – Salmo 106:13-15

Muitas vidas cristãs têm sido paralisadas por não saberem lidar com esta causa da impaciência diante de Deus.

(2) Às vezes não queremos inclinar-nos diante das soberanas providências de Deus em nossas vidas. Nossos corações se amargam contra Ele e, conseqüentemente, recusamos esperar por Sua direção. Ficamos decepcionados com Deus.

Às vezes esse espírito é disfarçado ou desviado. Em vez de criticarmos diretamente a Deus pelo modo como Ele age, desviamos essa oposição para outros – nossos amigos, as circunstâncias em que nos achamos, ou os fracassos e pecados da igreja a que pertencemos. Mas, o tempo todo, rói nossa alma o amargor contra o que Deus fez.

Havia um pouco disso na reação de Jó contra Deus. Com muita razão ele afirmava que não estava sofrendo por haver cometido algum pecado (os capítulos iniciais do livro revelam que, na verdade, ele estava sofrendo devido à retidão da sua vida; ao invés de estar sendo castigado por Deus, era satanás que o exigia para si, para joeirá-lo como trigo). Entretanto essa experiência amarga revelou alguma corrupção que ainda permanecia em seu coração. Ele se pôs a contender com o Todo-poderoso (Jó 40:2). Pela graça,de Deus, Jó aprendeu a pôr a mão na boca (Jó 40:4), e a confessar:

> *"Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser impedido.*
> *Por isso falei do que não entendia; coisas que para mim eram maravilhosíssimas, e que eu não compreendia.*
> *Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza."* – Jó 42:2-6

Acaso você precisa conhecer mais deste espírito, enquanto

espera em Deus? Há de sua parte uma indisposição para aceitar a vontade de Deus? Será por isso que você não está descobrindo que o Seu jugo é suave e o Seu fardo é leve? Será por isso que você sabe tão pouco o que significa "achar descanso" no Senhor?

Precisamos aprender a respirar o espírito do Salmo 123:

> *"Para ti, que habitas nos céus, levanto os meus olhos. Eis que como os olhos dos servos atentam para as mãos dos seus senhores, e os olhos da serva para as mãos de sua senhora, assim os nossos olhos atentam para o Senhor nosso Deus, até que tenha piedade de nós".*

(3) Falta-nos fé na bondade de Deus. Há embutida em todo pecador uma desconfiança de Deus. Os capítulos iniciais da Bíblia descrevem como essa desconfiança foi incutida em nossos primeiros pais pelo tentador. Esse enganou e seduziu as mentes dos filhos de Deus; torceu-lhes a idéia que tinham de Deus e lançou em suas mentes dúvidas acerca da Sua bondade. "É assim que Deus disse: "Não comereis de toda a árvore do jardim?" A proibição *daquela única* árvore, insinuou satanás, é a proibição de toda alegria, de toda liberdade. "Se vocês querem ser livres – como Deus é livre – devem comer dessa árvore".

A origem de toda impaciência pode ser encontrada na falta de crença na bondade fundamental de Deus. É por isso que, se havemos de apreciar a sabia direção de Deus, é-nos importante entender, não somente a natureza da Sua orientação, como também o caráter do Guia. Confiemos nEle por Sua bondade, e confiaremos nEle por Sua direção!

Você duvida da bondade de Deus? *Haverá, oculta em toda a sua busca dele, uma suspeita de que Ele não é aquilo que revelou ser no Senhor Jesus Cristo?* Firme-se nas palavras de Paulo:

> *"Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?"* – Romanos 8:32

(4) Somos influenciados com demasiada facilidade pelas atitudes da época em que vivemos. O clamor atual é pelo imediato, não pelo longo prazo e pelo duradouro. Nem a Igreja escapa disso. O cristianismo evangélico, com toda a profissão que faz da sua fé num Deus eterno e numa esperança futura, tem mostrado muitos sintomas desoladores de uma paixão míope e mentalmente estreita pelo imediato.

Precisamos dar ouvidos às contundentes palavras de A. W. Tozer. Escrevendo sobre o tema, "A Incompetência do Cristianismo Imediato", disse ele:

> *"O cristianismo imediato tende a fazer da fé o ato terminal e, assim, abafa o desejo de progresso espiritual. Não entende a verdadeira natureza da vida cristã, que não é estática porém dinâmica e evolutiva. Negligencia o fato de que um cristão recém-convertido é um organismo vivo, tão certamente como o é um bebê recém-nascido, e deve receber nutrição e fazer exercício para garantir crescimento normal. Não considera que o ato de fé em Cristo estabelece uma relação pessoal entre dois seres morais inteligentes, Deus e o homem reconciliado, e um único encontro entre Deus e uma*

criatura feita à Sua imagem jamais poderia ser suficiente para estabelecer uma comunhão íntima entre eles. Tentando condensar a salvação toda numa ou duas experiências somente, os advogados do cristianismo imediato alardeiam a lei de desenvolvimento que impregna a natureza toda. Eles ignoram os efeitos santificantes do sofrimento, do levar a cruz e da obediência prática. Deixam de lado a necessidade de treinamento espiritual, a necessidade da formação de hábitos religiosos corretos e de lutar contra o mundo, o diabo e a carne ...
O cristianismo imediato é a ortodoxia do século vinte. Pergunto se o homem que escreveu Filipenses 3:7-16 reconheceria nele a fé pela qual ele finalmente morreu. Receio que não." [2]

Deus não tem pressa. É um artífice paciente enquanto modela vidas à imagem do Seu Filho. Ele tem disposição para esperar. Ele sabe que há toda uma eternidade para o desfrute do artigo pronto. Do mesmo modo, eu e você devemos evitar os métodos imediatistas, procurando conhecer a vontade de Deus a longo prazo.

Deus não ignora as nossas dificuldades e ansiedades. Ele nos compreende perfeitamente, bem como as nossas fraquezas. Ainda mais, está disposto a nos auxiliar. Seria um erro total, pois, se só olhássemos para as dificuldades que temos que superar, sem considerar também os numerosos estímulos que Deus nos dá para esperarmos por Ele.

---

[2] A. W. Tozer, *That Incredible Christian*, pp. 24-25, 1964.

Estímulos Divinos

Quando citamos Lamentações 3:25-33 um pouco atrás, neste capítulo, vimos que o autor chegara a certas conclusões fundamentais acerca da vontade de Deus em sua vida. A base dessas conclusões acha-se nos versículos imediatamente anteriores. Descobrimos aí que ele viera a conhecer, no caráter do seu Senhor, os estímulos que o capacitariam a esperar pacientemente que Deus Se revelasse:

> *"As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos; porque as suas misericórdias não têm fim. Novas são cada manhã: grande é a tua fidelidade.* ***A minha porção é o Senhor****, diz a minha alma;* ***portanto esperarei nele.***" – Lamentações 3:22-24

Se tão-somente lembrarmos a quem pertencemos, veremos os vigorosos estímulos de um Deus todo-suficiente a sustentar-nos enquanto esperamos por Ele. Duas coisas em particular devemos lembrar:

Deus anela abençoar o Seu povo. Isaías 30:18 assegura-nos que os que *esperam* no Senhor serão abençoados. Nesse contexto a palavra "esperar" significa "aguardar". Mas esta expressão é usada também com referência a Deus no mesmo versículo:

> *"Por isso o Senhor esperará, para ter misericórdia de vós; e por isso será exalçado, para se compadecer de vós."*

Deus está esperando que nós esperemos por Ele! Ele está

ansioso para estender-nos a bênção de sermos introduzidos nos Seus secretos propósitos para as nossas vidas. Mas, assim que nos vê a vagar impacientemente por rumos da nossa própria escolha, Ele recua, privando-nos da intimidade especial da revelação dos Seus propósitos pactuais concernentes a nós. Que mais poderemos esperar, quando não Lhe confiamos a direção das nossas vidas? Não podemos receber o que negamos a confiar-Lhe.

O primeiro estímulo que nos é dado para a espera paciente é o conhecimento de que esperar desta maneira, em expectativa, é tornar-nos mais semelhantes ao próprio Deus. Visa a tornar-nos, de modo que demos provas como a vontade de Deus é boa, perfeita e agradável. Nessa intimidade com o Senhor, e nesse refletir do Seu caráter, existe indescritível bênção.

Mas há outro aspecto do ensino bíblico que deve ser relembrado para encorajar-nos. *Deus tem o Seu lugar e a Sua hora de agir. Ele tem os Seus propósitos para cumprir em nós, bem como a Sua vontade para revelar-nos.* Quando o profeta Habacuque estava lutando com o problema da vontade de Deus na sociedade do seu tempo, foi com este conhecimento que ele aprendeu a ter paciência:

> *"Sobre a minha guarda estarei, e sobre a fortaleza me apresentarei e vigiarei, para ver o que fala comigo, e o que eu responderei, quando eu for argüido.*
> *Então o Senhor me respondeu, e disse: escreve a visão, e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler o que correndo passa. Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até o fim falará, e não mentirá; se*

tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará."
– Habacuque 2:1-3

As aparências podem ser enganosas. O fato de não podermos ver o que Deus está fazendo não significa que não está fazendo nada. O Senhor tem o Seu próprio horário. Nós é que precisamos aprender a ajustar-nos a ele, e não *vice versa.* Quando a hora de Deus chegar, nada O impedirá. Portanto, podemos esperar por Ele com esta feliz confiança: "O caminho de Deus é perfeito" (2 Samuel 22:31).

Jesus viveu com esta confiança. Submeteu Sua vida ao horário que Deus tinha marcado. Ele teve que esperar com paciência durante os dias em que o Seu tempo ainda não tinha chegado (João 7:8).

Deus também tem o Seus propósitos para cumprir *em nós.* Ele está muito mais interessado em nossas vidas do que imaginamos. Sua vontade há de ser operada em nós, não somente revelada a nós. Seu objetivo é a nossa santificação a fim de que sejamos exemplificações vivas da Sua vontade. Por essa razão Ele nos chama para sofrer, para que a paciência seja produzida em nossas personalidades (Romanos 5:3-4; Tiago 1:3-4). Pois, todo o tempo em que estivermos andando de acordo com a Sua vontade revelada, Ele nos estará preparando e equipando para o cumprimento da Sua secreta vontade e propósito.

Tome outra vez José como exemplo. Se ele não tivesse sofrido o mal às mãos dos seus irmãos, nunca se teria tornado uma fonte de incalculável bênção para outros, como se tornou. Se não tivesse sofrido as conseqüências do pecado e das mentiras da mulher de Potifar, com toda a probabilidade a sua

ascensão ao cargo de primeiro ministro do Egito seria impossível. Se o copeiro se lembrasse da sua promessa a José mais cedo, é pouco provável que José estivesse a postos para desempenhar o papel tão importante que desempenhou nas condições críticas do Oriente Próximo da sua época. *Foi perfeito o acerto do tempo que Deus fez.* Ele não somente reteve o Seu servo para a oportunidade que planejara; também modelou a sua experiência e o seu caráter para fazer dele o Seu instrumento na ocasião da crise.

Porventura um Deus assim não seria inteiramente digno da sua confiança e da sua paciente espera em Sua vontade? Repudiá-lo, à vista das Suas credenciais, seria uma negação da Sua graça.

Então, que devemos fazer enquanto esperamos por Ele? Já sugerimos que, nas Escrituras, a espera não significa ficar ociosamente por aí. Não é matéria de resignação, mas de entrega à vontade de Deus. Mas o que devemos fazer quando não sabemos o que Deus quer que façamos? O que devemos fazer enquanto esperamos que o horário de Deus se cumpra? Tanto em preceito como em ilustração, a resposta bíblica é uma: *cumpra o seu dever; viva de acordo com a luz que Deus já lhe deu.* Andando nessa luz, você verá que Deus tornará claro o caminho futuro – "... a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito" (Provérbios 4:18). Foi este o caminho que o nosso Mestre seguiu. Quando o Seu tempo ainda não havia chegado, quando estava sendo ora impelido, ora retido, com relação ao batismo da cruz (Lucas 12:50), Ele andava segundo a luz que Deus Lhe dera. Chegou o dia em que o clímax da Sua obediência expressou-se no reconhecimento da perfeita vontade de Deus: "não se faça a

minha vontade, mas a tua" (Lucas 22:42). Ele nos deu o exemplo perfeito, para seguirmos os Seus passos (1 Pedro 2:21).

*"Espera no Senhor, anima-te, **e ele fortalecerá o teu coração; espera, pois, no Senhor.**"* Salmo 27:14.

Bendito o homem, ó Deus,
que só se firma em Ti;
quem Tua salvação espera,
Tua salvação verá.

Quando andamos nas trevas,
sem ver a luz do céu,
é hora de confiar em Deus
e nEle descansar.

Dúvidas e temores,
Ele os dominará,
e Sua bondade romperá
a meia-noite da alma.

Até o fim Sua graça
fulgirá, sempre mais;
nada, no presente ou por vir,
Sua luz apagará.

– Augustus Montague Toplady

9

O SENHOR ME GUIA

Na introdução deste livro fizemos referência ao Salmo 23, para a consideração do ensino bíblico sobre a orientação de Deus. Não há porção bíblica mais apropriada para levar o nosso estudo à conclusão. Em muitos aspectos o Salmo 23 é para o Velho Testamento o que o Pai Nosso é para o Novo – um sumário das dimensões da vida no Espírito. Além disso, o que por excelência o caracteriza é a mão diretora e condutora do Senhor. *Ele é o nosso Pastor.*

Salmo 23 é também *a voz da experiência.* Exatamente quando Davi escreveu essas palavras pode ser matéria de conjetura. Dada a metáfora do pastor, às vezes se supõe que a sua composição foi feita quando ele era jovem. Mas há várias razões para crer que a experiência que essas linhas registram são mais apropriadas a um período posterior da vida de Davi. Afinal de contas, ele sabia então o que significa ser restaurado (vers. 3). Em última análise, o salmo não é sobre um pastor. Não é seu objetivo ensinar-nos atividades pastoris. É sobre Deus, e tenciona ministrar-nos ensinos sobre os Seus caminhos.

Tão perfeita é esta parte das Escrituras que parece haver quase intermináveis maneiras pelas quais o salmo pode ser exposto. Para o nosso presente propósito, há *seis descobertas da experiência pessoal* que merecem a nossa atenção.

Deus supre as necessidades do Seu povo (vers. 1).

"Nada me faltará"; "não terei falta de nada". Davi descreve a perfeição do cuidado do pastor por seu rebanho, fazendo-o deitar-se em *verdes* pastos, guiando-o a águas tranqüilas. Ele providencia alimento e descanso para as ovelhas. Estas são sua responsabilidade. A correspondente segurança para Davi é que a graça de Deus será sempre suficiente para cada uma de suas necessidades. Aparecerá no tempo sabiamente determinado pelo Pastor. Naturalmente, quando chegamos a verdes pastos, nossa tendência é estabelecer-nos ali. Mas o Pastor-Salvador é mais sábio que Suas ovelhas. Continuará a guiá-las. Manterá em suas vidas os necessários compassos da experiência para a produção do caráter cristão e do crescimento espiritual.

Seria possível exagerar a maravilha desta segurança? Quando o socorro de que necessito, o repouso que almejo na vontade de Deus, parece estar longe demais, acaso não seria valioso saber que Aquele que me guia é perfeito em sabedoria e tem perfeita experiência? Ele sabe quais são as minhas necessidades antes de Lhe fazer as minhas súplicas. Já sondou as profundezas de cada necessidade humana e a experimentou quando assumiu a nossa frágil carne. A glória do Seu ministério não é apenas que temos um pastor, e sim que Ele, Cristo, é o *meu* Pastor!

Deus restaura o Seu povo (vers. 3).

Ele refrigera a minha alma. Há três sombras sobre a experiência de Davi. A mais conhecida é a do vale da sombra da morte. Há também a sombra da presença dos seus inimigos (vers. 5). Mas aqui ele fala da *sombra do passado.* Ele aponta

para o seu próprio fracasso, para os pecados que o levaram a clamar no grandioso salmo de orientação, "Não te lembres dos pecados da minha mocidade, nem das minhas transgressões ... Por amor do teu nome, Senhor, perdoa a minha iniqüidade, pois é grande" (Salmo 25:7, 11). Davi nunca se esquece dos resíduos do pecado sempre presente em sua vida, o que facilmente poderia levar o Senhor a desviar dele o Seu rosto, ou levá-lo a rebelar-se contra a clara direção do seu Pastor. Davi deve obediência a Ele porque foi restaurado. Ele é um grato membro do rebanho.

Muitos cristãos precisam aprender a lição de Davi. Tropeçar na vida cristã não é uma desqualificação final. Deus é misericordioso e perdoador. Ele não quer que pereçamos. Espera abençoar-nos e salvar-nos, como já vimos (Isaías 30:18). Almeja restaurar-nos quando tropeçamos, caímos e pecamos.

Pense na parábola que Jesus contou. O pastor tem um rebanho de cem ovelhas. Uma se perdeu. Que faz ele? Diz: "Ela teve à sua disposição toda provisão que fiz, e se rebelou com ingratidão. Que fique assim"? Ao contrário, ele deixa o conforto do lar; deixa as suas outras ovelhas no aprisco. Vai em busca da sua ovelha perdida "até que venha a achá-la" (Lucas 15:4). Depois ele a traz para casa "alegremente", feliz, *não rancorosamente* ("animal miserável, criatura ingrata!"), mas *amorosamente,* "sobre seus ombros". Não há fardo pesado demais para o bom pastor. Ele dará Sua vida pelas ovelhas. Na verdade, foi o que o nosso Bom Pastor fez por nós (João 10: 11, 17-18).

Quando você vê que se extraviou e falhou, deve voltar com arrependimento e fé. Talvez precise *ser trazido de volta.* Cristo fez provisão até para isso. Os nomes dos membros do Seu rebanho estão todos gravados nos ombros e no coração do

Pastor-Sacerdote do novo Israel (cf. Êxodo 28:9-21). Ele quer e pode restaurar você.

A experiência de Pedro nisso foi o fator vital que o equipou para não ser apenas um pescador de homens, mas um pastor do rebanho de Deus. Medite no seu pecado e no seu fracasso! Todavia, mediante a graça restauradora experimentada pessoalmente por ele, pôde dizer:

> *"E o Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus vos chamou à sua eterna glória, depois de haverdes padecido um pouco, Ele mesmo vos aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá. A ele seja a glória e o poderio para todo o sempre. Amém."* – 1 Pedro 5:10-11

Davi – restaurado! Pedro – restaurado! Você também poderá ser restaurado à vontade de Deus.

***Deus guia o Seu povo* (vers. 3).**

Por amor do Seu nome, Ele nos guia nas veredas da justiça. Eis aí o âmago da questão, e é expressa de maneira significativa. *Ele* guia.

Já vimos que a orientação não é tanto uma coisa que Deus *nos dá,* e sim uma coisa que Ele *faz por nós.* Sua vontade é conduzir-nos nos caminhos do reto viver. Podemos deixar os arranjos providenciais com Ele. Ele nos chama para que O sigamos nas veredas assinaladas pela justiça. É por isso que achamos necessário dar muita ênfase ao lugar da Bíblia no processo de chegar a conhecer e obedecer a vontade de Deus. O grande propósito dela é ensinar-nos, apresentar-nos o caráter de Deus em suas grandes doutrinas, moldar nossos caracteres

para que fiquemos treinados na retidão (2 Timóteo 3:16). É esse o nosso equipamento para fazermos a vontade de Deus.

Na qualidade de bom pastor, Jesus nos precedeu; temos somente que seguir as Suas pegadas (1 Pedro 2:21). Ele foi o pioneiro no caminho da obediência através deste mundo decaído. Jamais poderá ser tão difícil para nós como foi para Ele, andar nas veredas da justiça.

Somente mantendo um andar digno seguiremos pelas veredas da justiça. É para onde Cristo nos leva. Você está vagando ou seguindo?

***Deus protege o Seu Povo* (vers. 4).**

Ele nos guia pelas veredas da justiça, não necessariamente veredas de sossego, tranqüilidade ou segurança, segundo os padrões do mundo. Davi tinha descoberto que havia ocasiões em que as veredas da justiça atravessavam terreno sombrio e difícil. Ele tinha andado "pelo vale da profunda escuridão", "escuro como a morte" (N.E.B.).

Sem dúvida, o nosso entendimento tradicional dessas palavras é correto. Para a maioria, a maior sombra é a da morte – ou a sombra da morte de outrem. Mas, provavelmente, as palavras de Davi têm referência mais ampla, pois todas as provações lançam sombras sobre as nossas vidas. Deus não prometeu guiar-nos em campos de imunidade imperturbável. A tribulação *produz* algum efeito no caráter cristão e, assim, também é empregada por Deus (Romanos 5:3).

Todavia, Deus nos promete proteção, quando andamos segundo a Sua vontade. Talvez não seja seguro, no juízo dos outros. Mas, para o cristão não há outra segurança senão a de estar dentro da vontade de Deus, pois somente ali a Sua vara e

o Seu cajado trazem proteção consoladora e fortalecedora.

Às vezes também para o cristão a vida se lhe despedaça. Sim, mesmo quando ele é inteiramente obediente ao seu Senhor. Paulo sofreu isso, ao aproximar-se o fim da sua vida. "Ninguém me assistiu na minha primeira defesa", escreve ele a Timóteo da prisão romana em que estava encarcerado, "antes todos me desampararam". E pensar que o poderoso apóstolo, ao enfrentar a hora da sua grande crise, ficasse reduzido a tanta solidão! Como poderia ele continuar crendo na orientação de Deus? "Mas", prossegue Paulo, "o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me ... e fiquei livre da boca do leão. E o Senhor me livrará de toda a má obra, e guardar-me-á para o seu reino celestial" (2 Timóteo 4:16-18). Sim, Ele prometeu nunca deixar-nos e nunca desamparar-nos!

Deus abençoa ricamente o Seu povo **(vers. 5).** Ele prepara um banquete para nós, na presença dos nossos inimigos! Enche o nosso cálice até transbordar! Como isso lembra as palavras de John Newton!

Tendo em volta as muralhas da salvação,
podes sorrir em face aos teus inimigos.

O Nosso Sumo Pastor é grande incentivador do Seu povo, quando este anda na obediência à Sua vontade. As surpresas não faltam! Perseguidos por inimigos, abatidos pelo fracasso, lutando para fazer a Sua vontade – vemos que Ele pode guiar-nos a uma clareira de segurança e paz, e pode fazer a alegria transbordar em nossos corações enquanto, por algum tempo, mantém os nossos perseguidores encurralados. Ele nos conduz

à sala do banquete e ergue sobre nós o estandarte do Seu amor (Cantares de Salomão 2:4).

Que prometeu Ele aos obedientes? Duas palavras dos lábios de Cristo ser-nos-ão suficientes:

> *"Ninguém há, que tenha deixado casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou filhos, pelo reino de Deus, e não haja de receber muito mais neste mundo e, na idade vindoura, a vida eterna."* – Lucas 18:29-30

> *"Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele. Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e* ***meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada.***"
> –João 14:21-28

Deus persevera com o Seu povo até o fim **(vers. 6).**

Sua bondade e Seu amor nos seguirão todos os nossos dias. Isso é bênção de verdade. Mas as palavras de Davi são mais fortes do que se vê na maioria das traduções. Ele emprega a palavra "acossar". Este é o tipo de palavra que se pode empregar para descrever cães pastores impelindo as ovelhas para a segurança do redil.

Deus tem dois cães pastores, por assim dizer: a Bondade e a Misericórdia. Ele no-los envia do trono da Sua graça, às vezes para ladrar para nós, às vezes para proteger-nos; por vezes para fazer-nos agrado, persuadindo-nos de que a Sua vontade é boa e perfeita para as nossas vidas. Ele não desistirá, enquanto a Sua bondade e misericórdia não nos tiverem impelido para

casa, para a Sua glória eterna.

Eis por que o Pastor veio pessoalmente. Da Sua morte é que a bondade e a misericórdia foram adquiridas para as ovelhas. É graças ao Seu sacrifício que Deus nunca deixará de acossar os Seus filhos, perseverando com eles, até que a semelhança da obediência de Cristo comece a irradiar-se das suas vidas.

Não é assim? Alguma vez Ele falhou? Não são os cristãos que foram levados através dos vales mais trevosos, os mesmos que confessaram que a bondade e a misericórdia do Senhor os seguiram *todos os seus dias*? Não é verdade que os olhos da fé obediente podem ver o que os olhos da visão física tão facilmente passam por cima?

Ao chegar ao fim destas páginas, pode ser que Deus esteja enviando os seus cães pastores para o acossarem – a você, uma das Suas ovelhas extraviadas. Não percebe que somente na vontade de Deus você poderá encontrar a glória divina e o gozo para os quais Ele o criou? Você se negará a responder-Lhe positivamente e recomeçará a andar nos seus próprios caminhos? Pois virá o dia em que os cães pastores serão chamados de volta ao lar. O Sumo Pastor aparecerá pessoalmente (1 Pedro 5:4). Não precisaremos mais do conselho dos sub-pastores a exortar-nos a conhecermos o Senhor e Sua vontade. Todos conheceremos o Senhor. Haverá um só rebanho. Haverá um só Pastor –

> *"Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede, nem sol nem ardor algum cairá sobre eles. Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá*

de guia para as fontes das águas da vida."
– Apocalipse 7:16-17

Tão longe a meta eu vejo;
guia-me, ó Salvador!
É fraca a minha força;
fica junto de mim!
Visão mais e mais clara,
amor que vença o medo
e a graça da constância,
dá-me, amado Senhor!

Teu caminho eu estranho?
Vai adiante de mim!
Meu coração vigia, Senhor,
para que ele não mude.
Se eu fraquejar na fé
e, cego, tropeçar,
prevaleça Tua graça
e restaura-me, ó Pai!

Se os prazeres minguarem
e a alegria fugir;
se, a sós, horas de dor
me venham surpreender,
segura a minha mão,
até ir-se a tristeza,
e suave morte, enfim,
me desperte no céu.

Ali, com os remidos
que louvam para sempre
o amor que lhes deu forças
para servir-Te sempre,
também verei Tua face,
relembrarei Tua magna obra,
exaltarei Tua graça,
remido para sempre.

– Robert Rowland Roberts

DESCOBRINDO A VONTADE DE DEUS

Há poucas coisas de maior importância na vida do cristão do que descobrir a vontade de Deus. A certeza de que estamos no centro dos propósitos de Deus traz estabilidade duradoura à nossa experiência.

Mas, como podemos descobrir a vontade de Deus para as nossas vidas?

Sinclair Ferguson responde a essa pergunta ao mostrar que é moldada pelo Seu propósito supremo por nós. Ela é-nos revelada mediante a Sua Palavra. Às vezes o descobrimento da vontade de Deus exige consideração cuidadosa; talvez requeira paciência; sempre exige uma atitude correta para com Deus.

Descobrindo a Vontade de Deus apresenta-nos princípios fundamentais pelos quais Deus nos guia, aplicando-os a situações práticas, tais como vocação e casamento, e salienta muitos conselhos bíblicos importantes. Ele mostra que a orientação dada por Deus vem principalmente através de conhecê-lO, amá-lO e obedecê-lO.

Sinclair Ferguson é ministro da Igreja da Escócia. É autor de vários livros, inclusive *Um Coração voltado para Deus; John Owen e a Vida Cristã* e *O Sermão do Monte* – todos publicados pela Banner of Truth Trust. Atualmente é professor de teologia em Westminster Theological Seminary, Philadelphia, U.S.A.

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Rua 24 de maio, 116 - 3°. andar - salas 14-17
01041- 000 São Paulo, SP